

A CARTUXA...

UM LIVRO PARA OS CURIOSOS

“A CARTUXA: Um Livro para os Curiosos”

grupo: “Amigos da Ordem da Cartuxa” no Facebook

e no Yahoo Groups:

https://groups.yahoo.com/neo/groups/amigos_ordem_cartuxa/info

Digitalizado e oferecido por:

VICTOR M T HENRIQUES

viktorhenrikes2002@yahoo.es

A
CARTUXA
DE
PORTUGAL

SANTA MARIA DE SCALA COELI

UM LIVRO PARA OS CURIOSOS

É V O R A

1 9 6 6

IMPRIMI POTES

Cartusiae, in aula Capituli Generalis
die 17 maii 1965

Fr. Ferdinandus
Prior Maioris Cartusiae

Nihil obstat.

Évora, 24 de Março de 1966

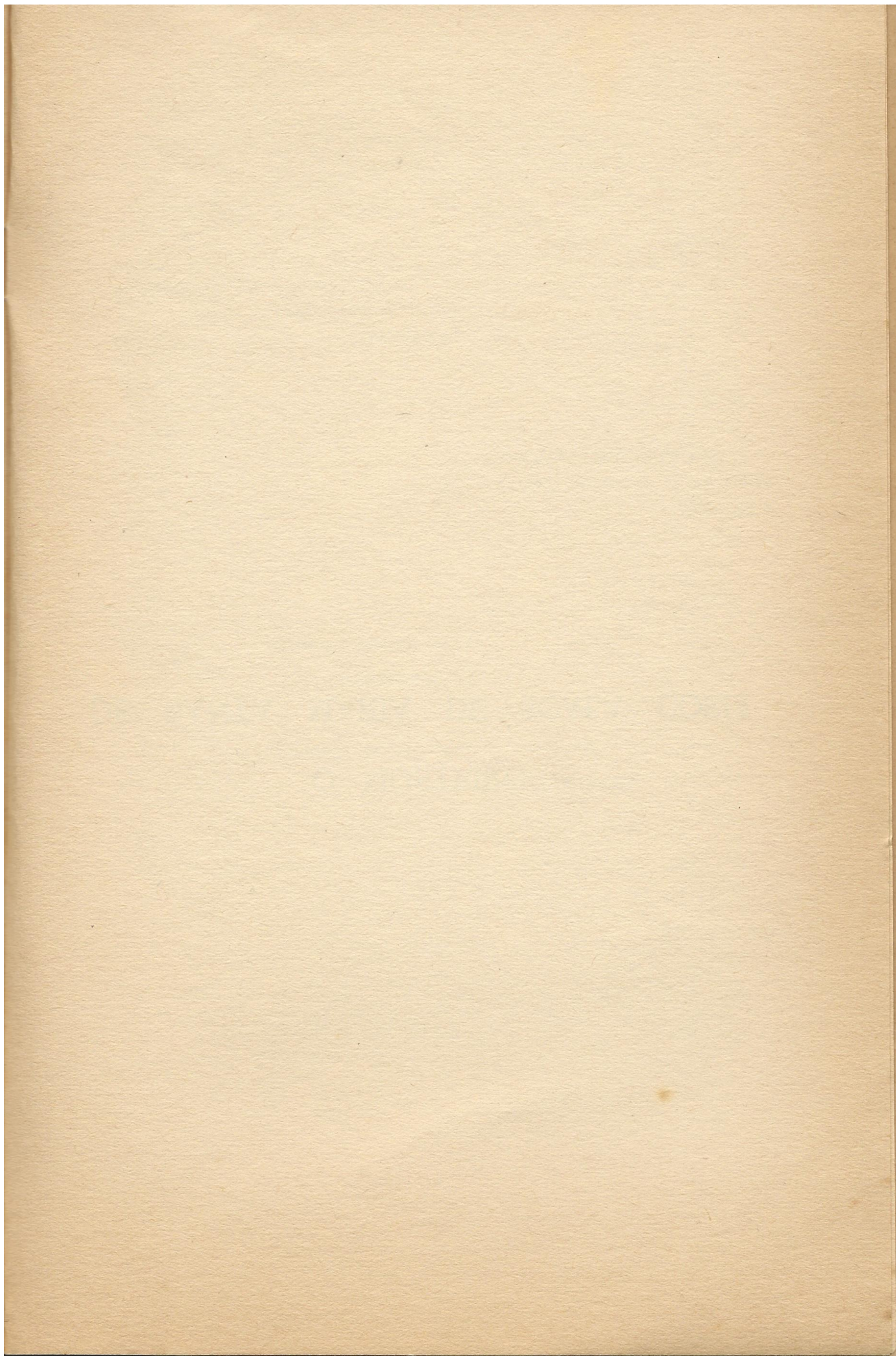
P. Manuel Joaquim de Sousa

Imprimatur.

Évora, 24 Martii 1966

† DAVID, Archiepiscopus Eborensis

O MOSTEIRO
DE SANTA MARIA DE SCALA COELI



A pomba na gaiola

Do seu trono de mármore, na fachada da Cartuxa de Évora, a Virgem branca de Scala Coeli contempla as necessidades dos seus filhos portugueses e eleva ao céu as suas mãos puras, numa prece piedosa e maternal.

Com Ela, os monges brancos sentem como próprias as aflições de seus irmãos e apresentam também a Deus a sua súplica enternecida. Não há esperança, não há dor por todo o grande mundo luso, que não sejam abrangidas pela petição contínua deste mosteiro puramente contemplativo de Portugal. Os cartuxos não pregam, não ensinam; fazem (é a palavra de Pio XI) «muito mais»: oferecem ao Senhor uma vida de sacrifício e oração, austeridade e recolhimento, obediência e silêncio, trabalho e piedade, ascetismo e misticismo.

A Virgem branca por detrás da grade (qual pomba na gaiola), é um belo símbolo do espírito da Ordem de S. Bruno. Como pomba enamorada, o monge branco, por detrás da grade da clausura que separa o cárcere de fora da liberdade de dentro, envia a Jesus o arrulho do Ofício Divino, cantado dia e noite, e voa nas ascensões da santidade. Como pomba singela, o cartuxo vive uma existência branca, pura, tranquila, num silêncio que o une a Deus. Assim vive feliz a sua vocação, para glória de Deus, santificação própria e salvação de muitos, sob a luz da branca imagem de Santa Maria de Scala Coeli.

Um livro para os curiosos

A porta de Scala Coeli não está aberta a todos. Os estranhos têm de ficar de fora das grades. Então desperta neles a curiosidade. Já o grande Aristóteles escreveu que «todos os homens são

por natureza curiosos». Por isso, surge na mente do visitante esta pergunta: que há dentro desta gaiola?

Eis que um alegre sino, lá no campanário, começa a cantar. A curiosidade cresce. Se esse é o arrulho da pomba, se esse é o latido do seu coração, qual é o amor que a faz cantar? A que amado dirige a pomba o seu arrulho? Sequiosa de resposta, a imaginação julga-se com direito a inventar. Sim, pensa, ao bater do sino, que os habitantes desta cartuxa irão a... a quê senão cavar a própria sepultura!

Não pode chamar a comer, porque os cartuxos não comem; nem a dormir, porque não é possível que durmam. A falar? Oh! os cartuxos jamais falam! Só cavar uma sepultura é imaginável ocupação para esse loucos homens que vivem afastados do mundo por uma grade de ferro.

Ora, para esses curiosos está escrito este livrinho. Para que possam saber que latido anima a vida desse mosteiro branco. Para que conheçam a verdade sobre os cartuxos e esqueçam lendas macabras.

O maior claustro de Portugal

Numa cartuxa o principal é o claustro dos ermitérios. Nele está a igreja, e a um e outro lado da igreja correm as celas, verdadeiros ermitérios, com dois andares, vários aposentos e jardim. Os claustros cartuxos são, pois, muito grandes; em todo o Portugal não há outro como o de Scala Coeli: 98 metros de comprimento.

Tanto pela elegância arquitectónica da arcaria como pelo bom gosto do jardim central, este claustro é uma maravilha. É como um painel artístico de ciprestes, laranjeiras e buxo (sinfonia em verde) ao qual fazem moldura as quatro arcarias, com o seu vermelho-escuro da alvenaria ressaltando na alvura da cal. Ao centro, um grande tanque de água com alto repuxo tem em redor a coroa régia de oito ciprestes majestosos, altíssimos. E entre os quatro braços da cruz do buxo, as laranjeiras. Folhas sempre verdes que encham de alegria perene esta cartuxa e simbolizam a sua esperança. Pois a esperança é a alma de toda a fundação, de toda a casa que começa a viver e a olhar para o futuro...



VISTA GERAL DO MOSTEIRO



A arcaria, em simples e elegantíssimos arcos romanos, dir-se-ia aqueduto a levar, até ao pé do sacrário, as águas das orações que brotam das celas dos monges. Se o aqueduto de Évora se chama aqueduto da água de prata, este de Scala Coeli chamar-se-ia o aqueduto da água de ouro, pois ouro é a contemplação.

A arcaria passa por diante das celas, mas destas não se vê senão a pequena porta e um postigo. O passadiço do claustro, pois, tem a um lado os arcos abertos por onde entra a luz, e ao outro a parede lisa... donde vem o calor, pois detrás dela palpita a vida dos ermitões. As avezinhas são as donas daquele recinto. Os monges só saem ao claustro três vezes por dia: para a Missa, quando o céu começa a inflamar-se, para as Vésperas, quando o sol faz arder as chamas das laranjas, e à meia noite, quando a desordem das estrelas parece ser produzida pelo movimento das altas pontas dos ciprestes. Os monges vão cantar à igreja, e não vão cavar no cemitério. É verdade que num ângulo do laranjal, há um pequeno e lindo cemitério, com uma fina cruz entre quatro ciprestes, que espera os habitantes do mosteiro; mas estes não parecem ter pressa... não está aberta nenhuma fossa, no belo verde do chão.

As celas: eis o que dá calor ao claustro. Os ermitérios sucedem-se perfeitamente isoladas. Olham para o campo, mas nada vêem: um bosquezinho de eucaliptos em redor do mosteiro é o cálice verde da flor vermelha-branca formada pelas ermidas. Nessas celas silenciosas os sacerdotes vivem uma vida com Deus, em Deus e para Deus!

A igreja

A igreja do mosteiro eborense é monumento nacional. A fachada, de mármore da região, em estilo clássico, é da autoria de Filipe Térzio. A nave (42 m. de comprimento por 10 m. de largura) conserva restos do cadeirado coral. O mais notável é o grandioso retábulo de entalhamento barroco, executado pelos artistas eborenses, Sebastião e Manuel Abreu do Ó, mestres do barroquismo alentejano, e dourado e policromado em 1729 por doação de D. João V. Não se sabe o que impressiona mais: a magnificência do retábulo... ou a tristeza das suas ruínas. Mas isto levamos a falar da história de Scala Coeli.

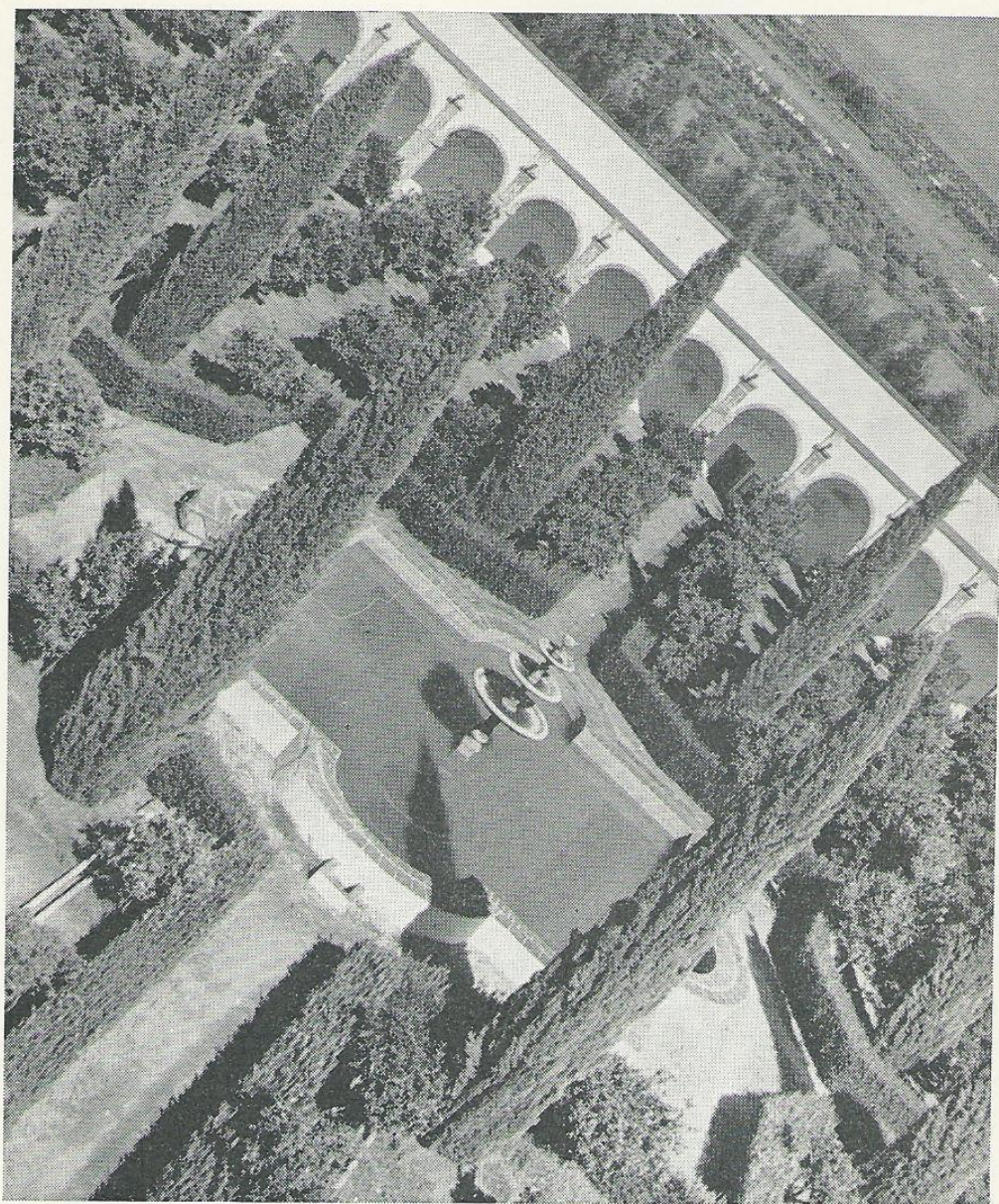
História dum mosteiro histórico

A cartuxa de Évora é filha dum amor. Quer dizer: nasceu como fruto da devoção que pela Ordem Branca sentia o arcebispo da cidade, D. Teotónio de Bragança. Tão grande era esse amor, que ele explica não só a existência duma cartuxa em Évora, senão também a sua cercania. Com efeito, D. Teotónio gostava tanto dos seus amigos, os cartuxos, que, para poder visitá-los com frequência, quis tê-los perto da cidade. Esse amor prendeu-se ao seu coração em Espanha, na Cartuxa de Scala Dei, onde esteve alguns dias, os suficientes para lhe fazer entrever a santidade daqueles solitários. Era então ainda estudante, e já concebeu o propósito de dar à sua pátria portuguesa tão belo presente. Anos depois, feito arcebispo, pôde realizar o seu sonho. Os cartuxos alegraram-se por serem chamados à terra lusitana; mas puseram esta piedosa condição: «a Casa será perpétuamente chamada sob a invocação e título da Bemaventurada Virgem Maria Mãe de Deus de Scala Coeli». Chamou-se, pois, chama-se, e chamar-se-á, Cartuxa de Santa Maria de Scala Coeli.

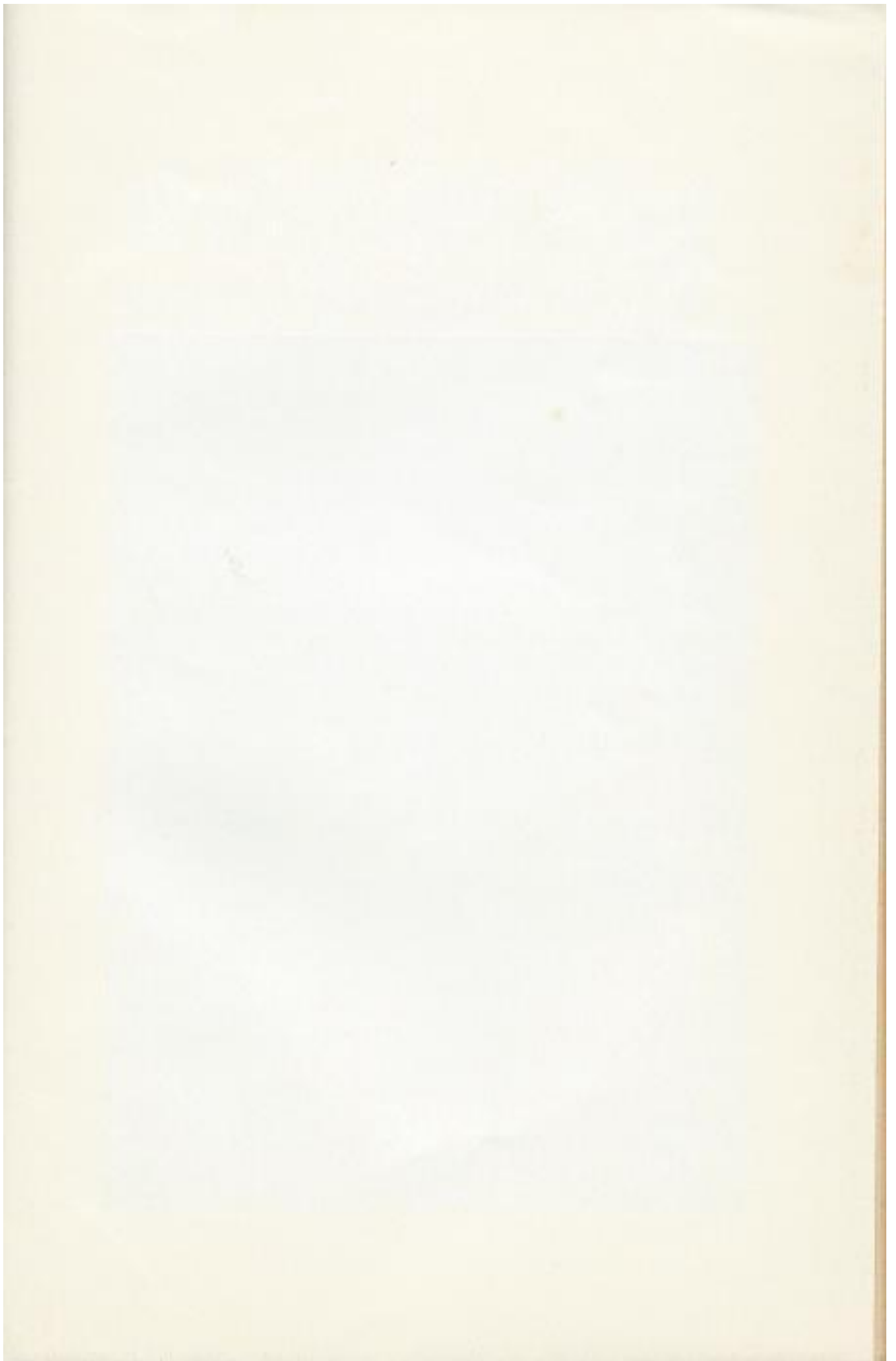
Ao amor de D. Teotónio, a Ordem correspondeu com o seu amor por Portugal, e enviou como fundador uma grande personalidade, o Prior de Tarragona, D. Luis Telme. Chegou a Évora com mais outros dois Padres e três leigos, homens segundo dizem as crónicas, «dados à oração e contemplação, rijos para consigo e suavíssimos para com os noviços», os quais afluíram tanto que o primeiro foi recebido pouco depois da fundação, que foi em 8 de Setembro de 1587. Este proto-cartuxo português recebeu, com o hábito, o nome de Dom Pedro-Bruno; as crónicas do tempo qualificaram-no de «óptimo cartuxo» e morreu em odor de santidade, muitos anos depois.

Começaram a viver no paço real de Évora, que estava desabitado. Dali, dirigiam as obras do mosteiro até que em 1598, pela quadra do Natal, passaram a habitar nele. Tinham, pois, vivido 11 anos no paço real, mas não règiamente, senão com tanto espírito que mereceram um elogio do Capítulo Geral da Ordem. Elogio que deu origem à reputação de santidade que a cartuxa ebo-rense sempre teve.

Os noviços foram professando e assim se chegou a ter uma comunidade portuguesa, que foi crescendo e santificando-se pelo



VISTA AÉREA DO CLAUSTRO



século XVII fora, até que em 1663 foi vítima da guerra: o exército de D. João de Austria (filho natural de Filipe IV de Espanha e III de Portugal) no assédio da cidade ocupou o mosteiro como hospital de sangue. Nessa altura a comunidade voltou a ganhar fama de verdadeiro espírito religioso e cartuxano pelo facto de se não ter metido em política, como o demonstra a História quando nos diz que ninguém pensou em tomar represálias contra os cartuxos, como se tomaram contra tantos outros, depois de os invasores terem saído do País.

As tropas fizeram graves danos na igreja, mas el-rei D. Pedro II levantou outra melhor, que é a actual, conservando o pórtico anterior e acrescentando o presbitério. Restaurada, pois, a Scala Coeli, viveu feliz, e sobretudo viveu santamente. Um bom dia, na elevação da santa Missa dum daqueles padres (cujo nome, por certo, se conserva: D. João Egídio) foi visto Nosso Senhor na Sagrada Hóstia. Favores como este fizeram de Scala Coeli uma verdadeira Escada do Céu pela qual subiram com grande santidade tantos e tantos portugueses, uns no trabalho manual como leigos, outros no claustro dos padres, outros em fim no governo da Casa, como os priores D. Pedro-Bruno (sobre cuja sepultura cresceu uma planta assombrosa em configuração da Santa Cruz), D. Basílio de Faria, lisboeta, ou D. António Coelho, eborense.

Outra guerra pior, a guerra contra a religião, veio ferir de novo os cartuxos portugueses, em 1834. Tiveram de sair do seu tão lindo mosteiro e as chuvas e os bichos foram-no estragando.

Assim, um século depois, Santa Maria de Scala Coeli estava em ruínas. Nesse estado achava-se também a outra cartuxa portuguesa, a Cartuxa do Vale da Misericórdia, em Laveiras, perto de Lisboa. Digamos de passagem, que esta foi fundada em 1614; nunca chegou a ter a importância que teve a eborense, mas recebeu como ela a honra de morrer mártir na perseguição.

Não havia, pois, cartuxos em Portugal quando Nossa Senhora apareceu sobre a azinheira de Fátima. Quiçá teve saudades daquela Salve Regina que todos os dias lhe cantaram durante mais de dois séculos... O certo é que anos depois moveu o coração do dono das ruínas, Ex.^{mo} Sr. D. Vasco Maria Eugénio de Almeida, Conde de Vill'alva, para que oferecesse o mosteiro aos seus antigos moradores.

É curioso notar aqui que a cartuxa eborense foi comprada pelo Estado e não alegremente expropriada como outros mostei-

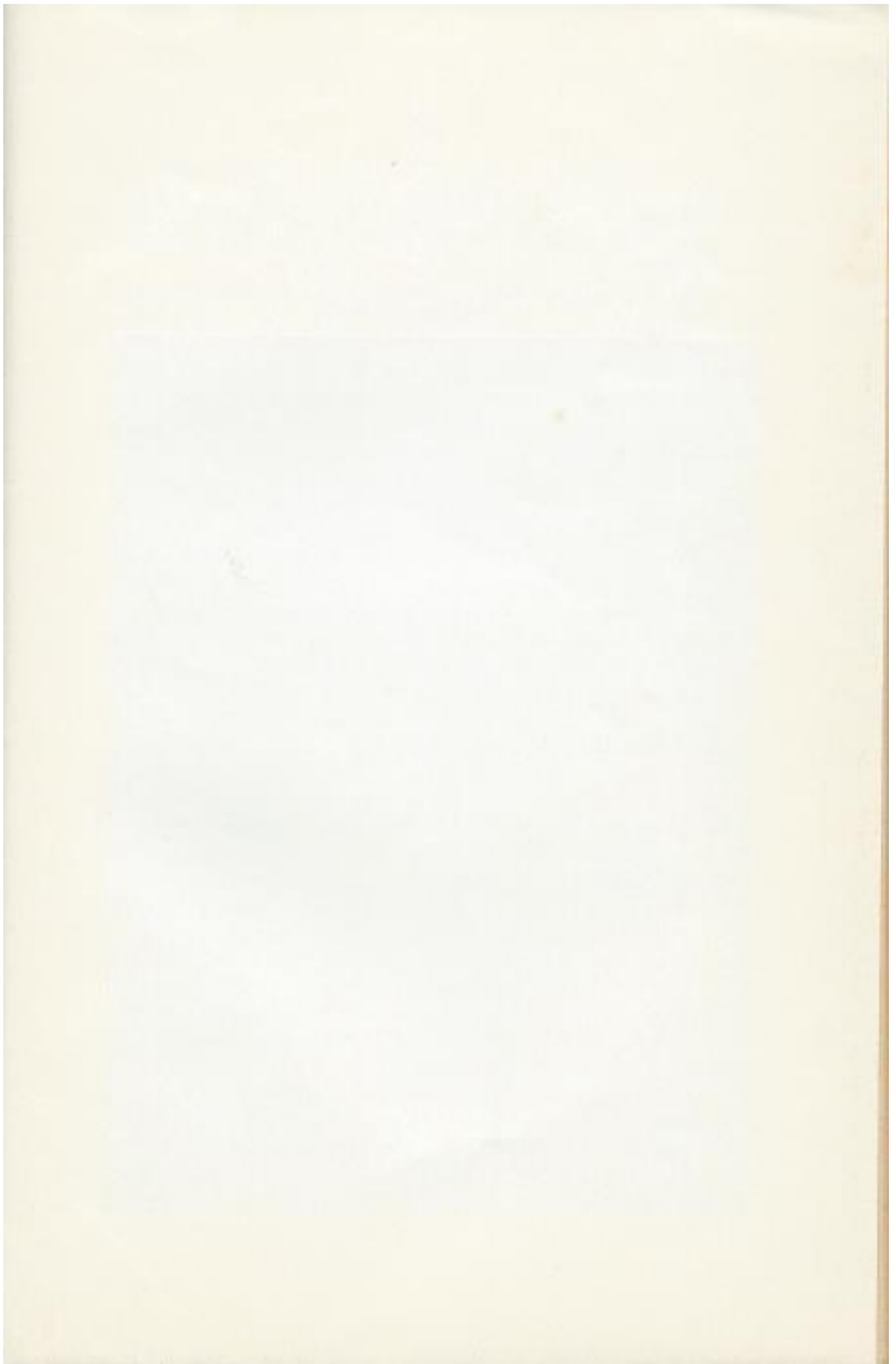
ros naquela altura. Com efeito, na escritura de D. Teotónio, de 15 de Junho de 1598, havia um ponto a estatuir que: «se acabasse a comunidade, reverteria o mosteiro e suas terras para o Colégio das Donzelas Pobres, que fundara na rua da Alagoa e na casa que fora do captião Manoel de Sousa Sepulveda...» Com este fundamento a Casa Pia de Évora pediu ao Governo tanto o mosteiro como a cerca, e foi atendida. Explorou-a a Casa Pia até 1857, ano em que a arrendou a uma sociedade agrícola. Depois, o Estado comprou o edifício e a cerca à Casa Pia (por 13 contos de reis) para abrir, em 1863, uma Escola Agrícola. Mas pouco depois, um decreto de 8 de Abril de 1869 aboliu as escolas regionais, e então o mosteiro, ou o que dele subsistia, foi comprado pelo senhor Conde de Vill'alva, quem por conseguinte podia considerar-se dono legítimo com muita mais verdade que outros compradores de conventos.

O seu actual sucessor, D. Vasco Maria Eugénio de Almeida, ofereceu a cartuxa aos filhos de S. Bruno. A Ordem recebeu o convite para voltar a Portugal com a mesma alegria com que tinha recebido o de vir pela primeira vez. Também é verdade que foi chamada com o mesmo amor que antanho: o senhor Conde parecia ter herdado o affecto de D. Teotónio pelos monges. Foi visitar as cartuxas da França e Espanha para que a reconstrução das ruínas correspondesse perfeitamente às necessidades da vida cartuxana. Até as fechaduras são hoje em Santa Maria de Scala Coeli reprodução das que ele viu na Grande Chartreuse.

Esse carinho, assim como o bom gosto que tanto chama a atenção no mosteiro restaurado, eram de esperar num nobre português. O mais surpreendente num homem de mundo foi a extraordinária intuição que teve do espírito cartuxano. O bosquezinho de cedros e eucaliptos, mandado plantar por ele para deter os ruídos da cidade cercã; o cuidado de não trazer os monges até que o mosteiro pudesse recebê-los; o desejo de que os novos fundadores fossem sete como os primeiros cartuxos, provam que no conhecimento da alma e da história cartuxanas levou vantagem ao próprio D. Teotónio. Hoje, em Santa Maria de Scala Coeli, como se fosse a assinatura do artista na sua criação, elevam-se sete ciprestes ao pé do aqueduto, plantados pelo Sr. Conde para serem símbolo da alma de Scala Coeli: fidelidade à história da Ordem e da Casa, culto da estética, vida perene, elevação ao céu, a Deus.



PADRE A DIZER MISSA



As obras de reedificação foram feitas com munificência; em 1959 o P. Vasconcelos S. J., no seu livro intitulado «Religiosos» podia escrever o seguinte: «Muito brevemente a Ordem voltará a Portugal. Deus suscitou a generosidade principesca dum insigne benfeitor que, cheio de devoção pela Ordem de S. Bruno, restaurou completamente, à sua custa, a magnífica cartuxa de Scala Coeli em Évora». (p. 67). Com efeito, já em 1960 entravam em terra portuguesa os sete cartuxos. Eles quiseram começar sob a bênção da Santíssima Virgem de Fátima. A 13 de Setembro, aniversário da 5.^a aparição, os padres cartuxos celebravam Missa nas capelas onde repousam Francisco e Jacinta, ajudados pelos leigos que os acompanhavam. O Sr. Bispo de Leiria, na homilia da Missa de pontifical, pronunciou palavras muito afectuosas para eles. O Sr. Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, estava lá em Fátima a esperá-los, e como outro D. Teotónio, abraçou-os enternecido. Saíram de Fátima, em vários carros precedidos pelo carro do Sr. Bispo Auxiliar de Évora, que levava consigo o P. Superior. Quando chegaram ao término de Almeirim-Coruche, entravam na diocese de Évora; então o Sr. Bispo saiu do carro e, com ele, os cartuxos, para, ali mesmo, rezarem por Évora, por Portugal, pela Ordem, pela Igreja. Seguiram para a cidade, sob um véu de nuvens; ao aproximarem-se tiveram a grande surpresa de verem por cima da cartuxa o arco-íres, sinal de paz. O Sr. Bispo não pôde deixar de exclamar profeticamente: «A paz para a terra, implorada do Céu pelos monges brancos da Scala Coeli!» Por fim, chegados ao mosteiro, foram recebidos pelo Sr. Conde, como vindos do Céu.

No dia seguinte, 14, festa da Exaltação da St.^a Cruz, o Superior rezava a primeira Missa na antiga sacristia, convertida em actual capela. Boa festa, na verdade, a desse dia, para rezar uma missa com os braços em cruz, como é próprio da liturgia cartuxana, ante o famoso Crucifixo de Scala Coeli, devotíssima talha de tamanho natural, conhecida sob o nome de «Cristo dos Milagres» pelos muitos que fez. Como um novo milagre, a vida cartuxana renascia em Portugal.

O coro actual

Terminado o breve relato da história de Scala Coeli na capela, continuamos, pois, por ela a nossa descrição do mosteiro.

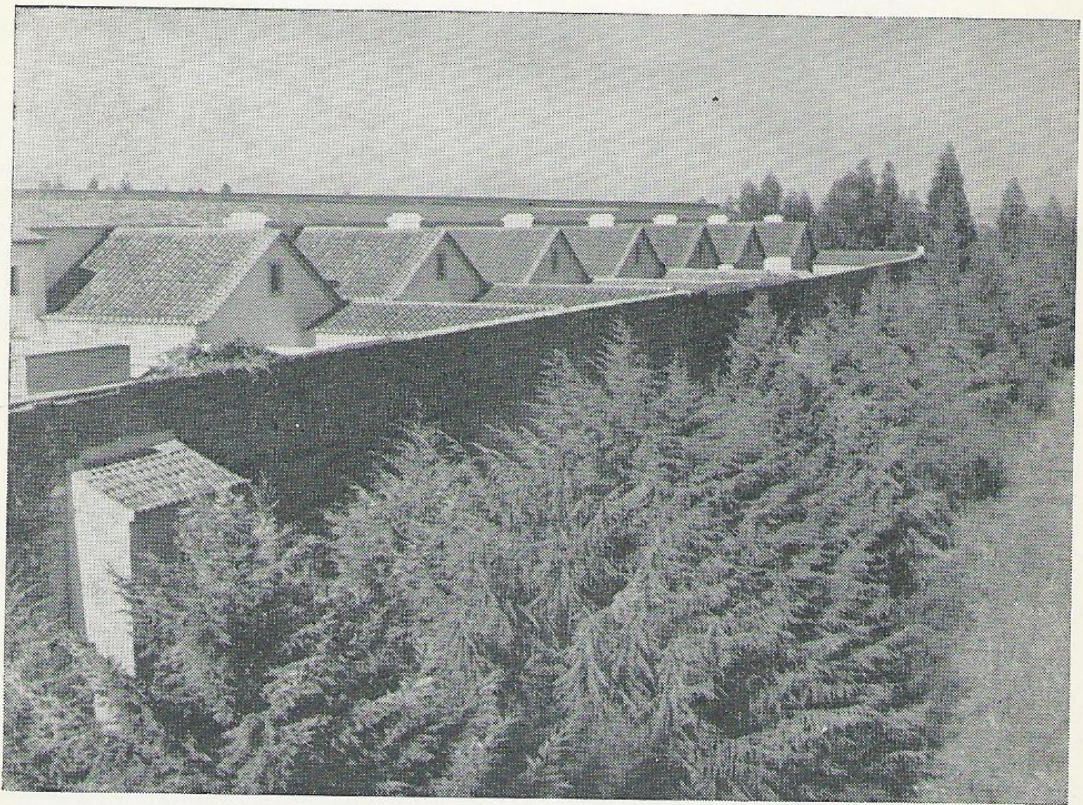
Embora a igreja não mereça o nome de ruína na sua estrutura architectónica, mas só no recheio e retábulo, foi preferível deixar a total restauração para quando a comunidade, sobretudo de Padres, chegue a ser suficientemente numerosa para a liturgia ser nela celebrada dignamente. Entretanto, usa-se a sacristia para os ofícios. É notável o bom estado em que se conservou esta igreja, com o Santo Cristo e um altar dos fins do século XVI, em madeira dourada e policromada, de grande valor artístico, e um cadeiral muito simples, sim, mas cheio de emotivas lembranças, pois é o mesmo que usou a comunidade nos anos tristes da história de Scala Coeli. Nessa tão devota capela reúnem-se os solitários para elevar ao Senhor as suas vozes e as suas mãos, na missão que a Santa Madre Igreja lhes encomendou.

O claustro da vida cenobítica

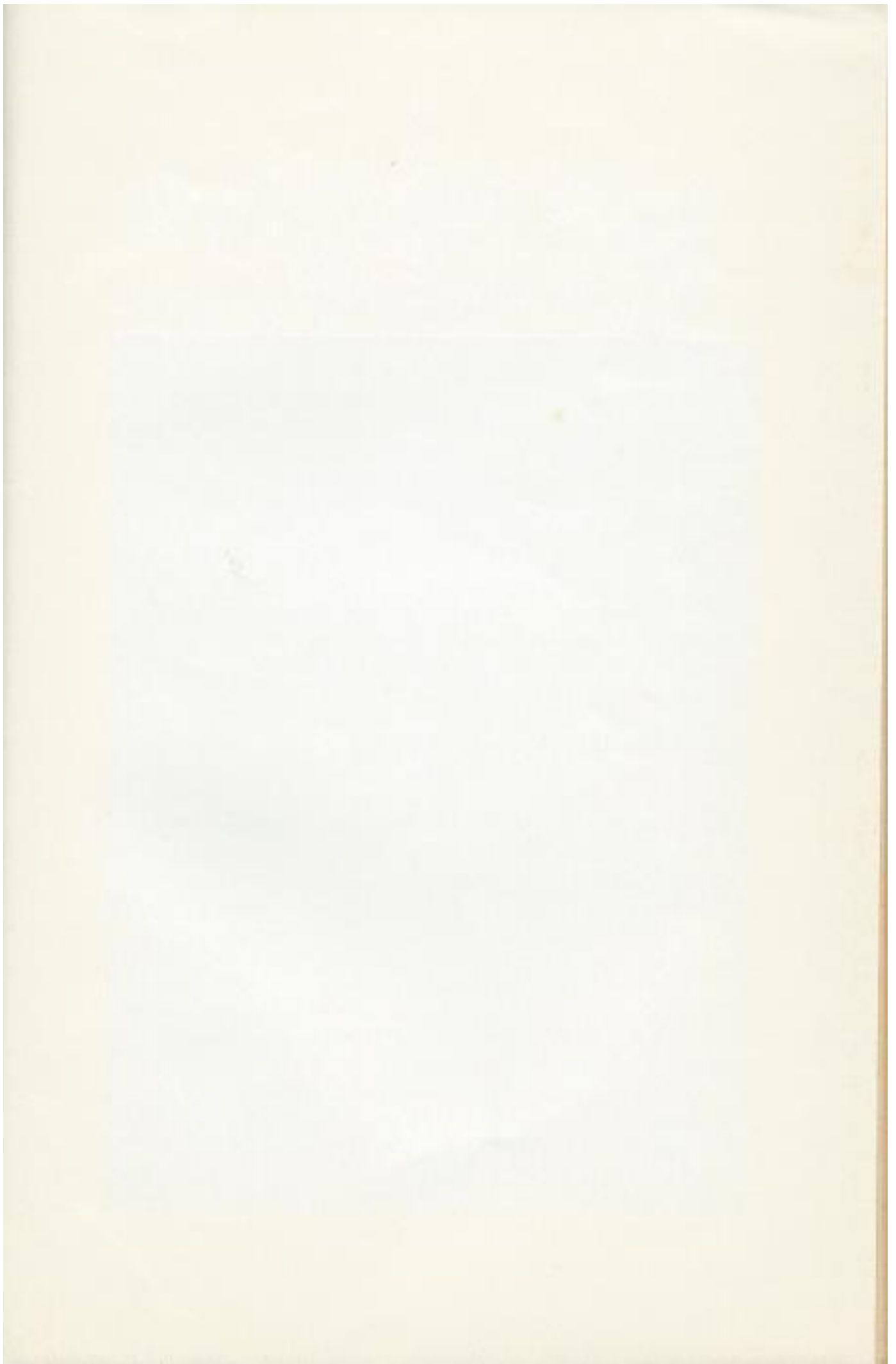
Numa cartuxa o grande claustro dos ermitérios é o principal, mas não é tudo. Lá é o reino da solidão, mas a solidão não é o único na cartuxa. Há também um pouco de vida cenobítica, e precisamente nesta síntese é que reside o segredo da famosa Ordem.

É mister confessá-lo: se os mosteiros cartuxanos só tivessem o claustro e as celas, seriam casa de loucos, ou já teriam desaparecido há séculos. Mas não: a Ordem segue de pé, segue sã, e segue santa, porque além do claustro da solidão, existe um outro para os monges se reunirem de vez em quando e comerem juntos, padres e leigos.

Eis a ideia genial de S. Bruno: o equilíbrio entre a vida solitária e a vida de comunidade. Equilíbrio não por partes iguais senão com predomínio da solidão, predomínio representado pelas proporções dos claustros. Os cartuxos passam a semana sòzinhos, mas nos domingos e festas gostam de se reunir; para isso têm o «claustrinho», como lhe chamam, onde está o Capítulo para sermões e conferências, e o Refeitório para comerem juntos. Lá, é também o lugar próprio do «colóquio», recreio alegre e aprazível dos domingos, durante uma hora. Com isto consideram santificado o domingo, praticada a caridade fraterna e descansado o espírito, para poderem passar mais outra semana na cela.



VISTA DAS CELAS DOS PADRES



A biblioteca

Pio XI, na encíclica Unigenitus, ensinou que os sacerdotes de Ordens contemplativas não chegarão à contemplação senão pelo estudo da Teologia. Disto estiveram sempre convencidos os cartuxos mesmo desde a fundação da Ordem, pois os companheiros de S. Bruno procuraram reunir uma grande colecção de bons códices. A Biblioteca é a adega espiritual, e os monges que tanto fazem jejuar o corpo, alimentam o espírito o melhor possível. Scala Coeli, por isso mesmo, teve uma magnífica livraria. Hoje a grandiosa sala está quase vazia; o pouco que se não perdeu na exclaustração do século XIX está em Évora ou em Lisboa. Agora os monges começam de novo...

Como contemplativos, os padres procuraram sobretudo os tesouros da teologia dogmática, moral, ascética e mística. Mas não foi só a teologia : toda a cultura portuguesa interessava a uns homens que se sentiam tão portugueses como cartuxos. Scala Coeli possuiu obras de grande interesse nacional, sobretudo manuscritos, nos quais foi célebre, pois guardava algumas centenas de mérito incalculável, e de tanto valor para a história lusa, como os manuscritos de D. Duarte, outros sobre as Descobertas (entre eles o famoso Atlas de Fernão Vaz Dourado), e um panegírico do Condestável Nun'Alvares Pereira, de importância capital por ser o único documento coevo que fala abertamente na santidade do herói e o único que nos permite conhecer a data da sua morte: 1 de Abril de 1431. Este conserva-se hoje na Torre do Tombo, em Lisboa.

A leitura é o prazer das almas interiores. Num mosteiro contemplativo, a Biblioteca é quase como outra capela, onde comungar o Verbo de Deus.

O claustro dos irmãos

Semelhante ao claustro dos Padres (arcos de alvenaria vermelha ressaltando belamente sobre o branco do muro), mas muito mais pequeno e fechado com vidros, o claustro dos irmãos tem certo ar quente e recolhido que o converte num lar agradável para repousarem dos seus trabalhos. As celas são mais reduzidas,

pois os irmãos vêm a elas só para comerem e dormirem, e para descansarem rezando o terço, lendo, etc., mas são verdadeiras celas, independentes umas das outras. Os leigos cartuxos são também solitários. Por isso eles amam o seu claustro e as suas celas como o país da felicidade. A imagem de S. José, o seu padroeiro, que está a presidir o claustro, lembra-lhes que servir a Jesus e trabalhar para Ele e com Ele em silêncio e em paz, é o caminho para uma santidade fácil e formosa. Almas singelas, sem outra ambição que a de se fazerem santos, os leigos de Scala Coeli, ainda sem saberem latim podem traduzir o título do seu convento ao exclamarem: «Verdadeiramente, estamos na Escada do Céu!».

As obediências

Um mosteiro deve ser um deserto. Os cartuxos procuram evitar o contacto com o mundo. Para isso é bom que o mosteiro satisfaça as próprias necessidades. Eis o papel, o sublime papel dos leigos na vida contemplativa: o seu trabalho torna possível a pureza da vida solitária cartuxana.

Cada irmão recebe dos Superiores o trabalho a fazer. Daí vem o nome de «obediências» com que na Cartuxa se designam as oficinas: serralharia, alfaiataria, carpintaria, sapataria, cozinha, etc., além da agricultura e os gados, formam os alvéolos desse favo onde numa agitação silenciosa as abelhas de S. Bruno elaboram o mel da contemplação, sob o olhar da Rainha Virgem, cuja imagem preside a cada oficina.

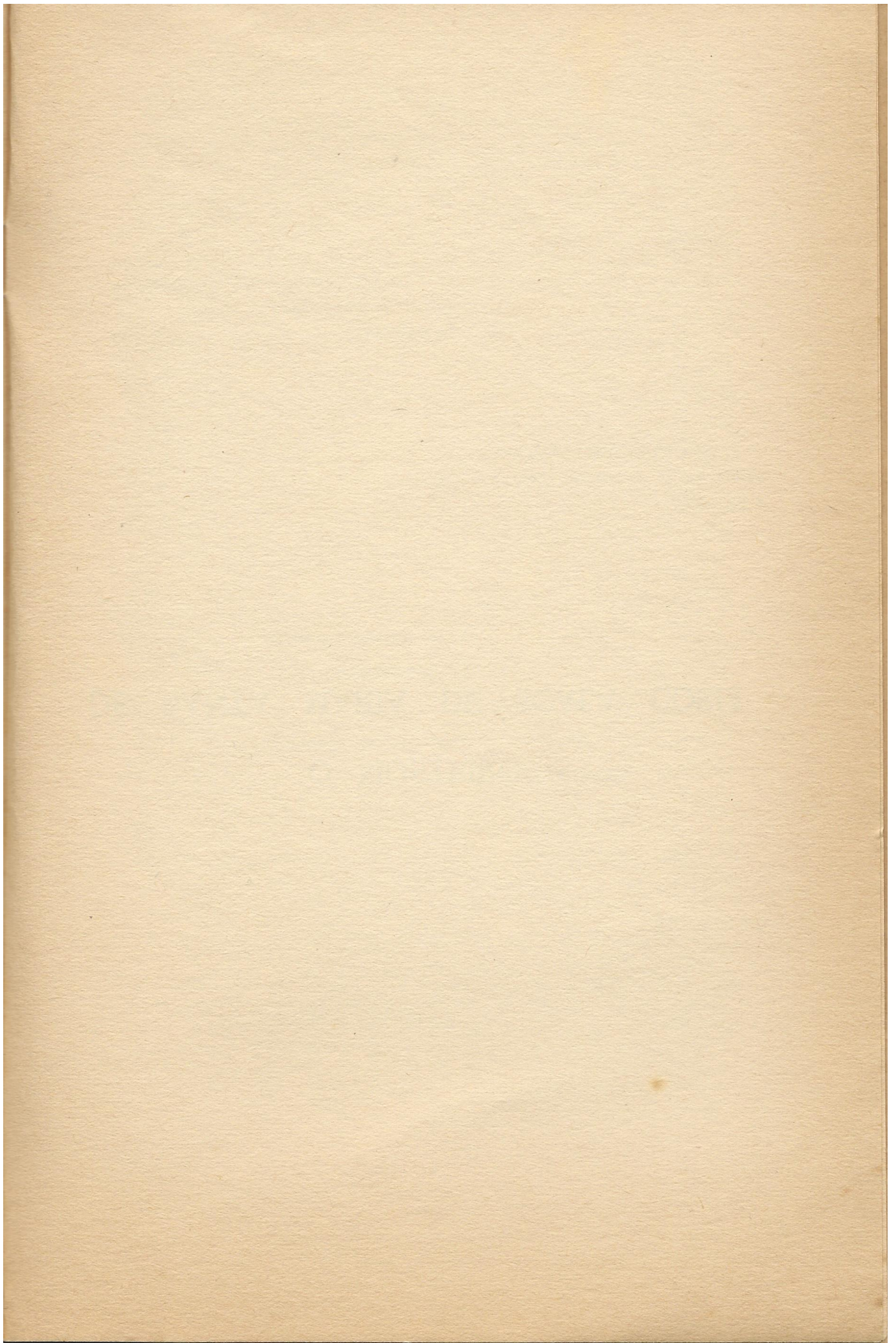
Os passeios

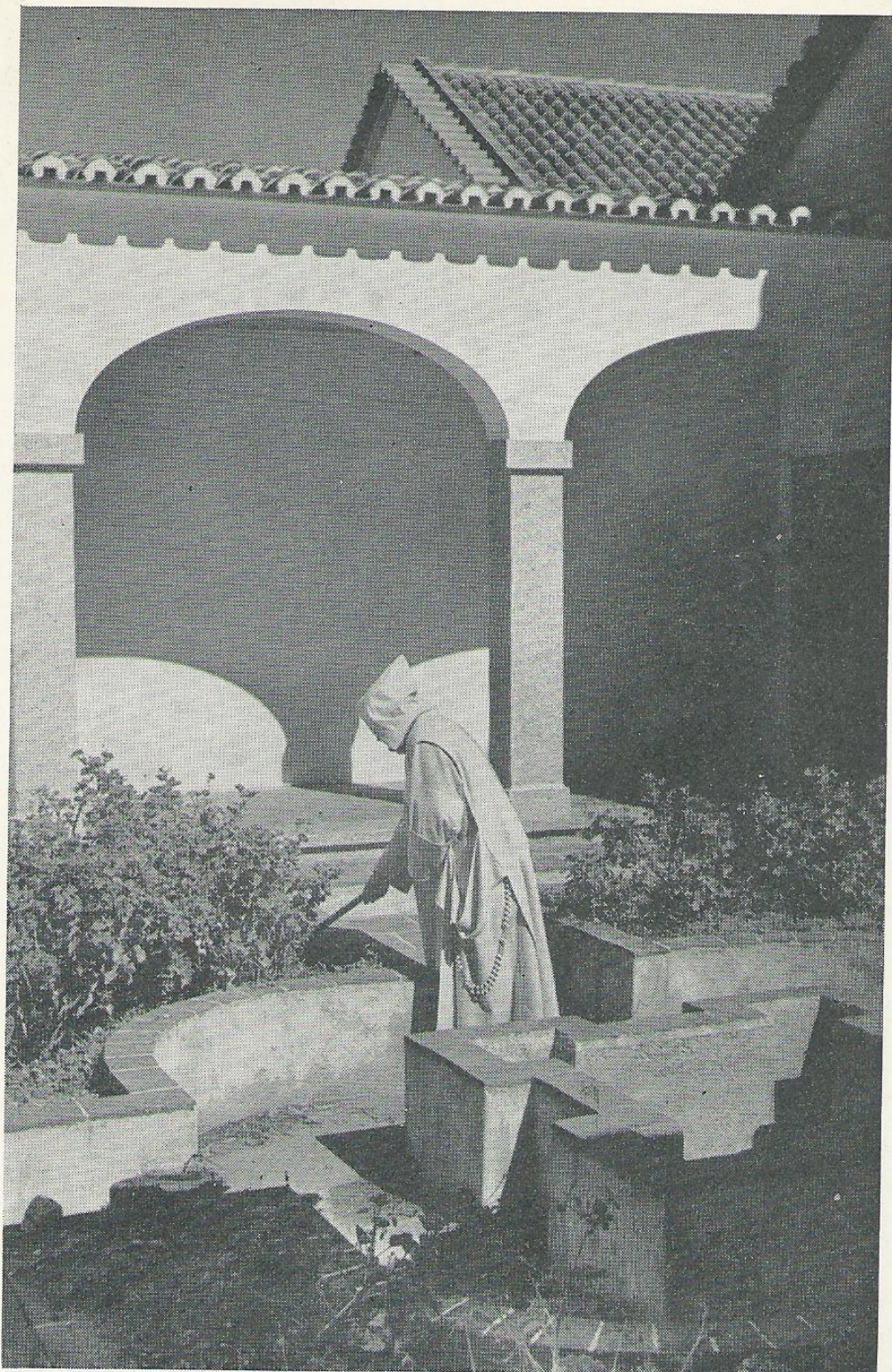
Não podemos fechar esta descrição de Scala Coeli sem falarmos nos arredores. Que força, que beleza, a desse campo alentejano de oliveiras e sobreiros, palmeiras e nopais, laranjeiras e eucaliptos!

A vida dos cartuxos é demasiado dura, diz-se pelo pelo mundo. Não: o leão não é tão feroz como o pintam. A Regra cartuxana é muito humana... precisamente porque não é verdadeira regra. S. Bruno não escreveu leis nenhuma. Bendito seja por isso! As leis são sempre idealistas. S. Bruno e os seis companhei-

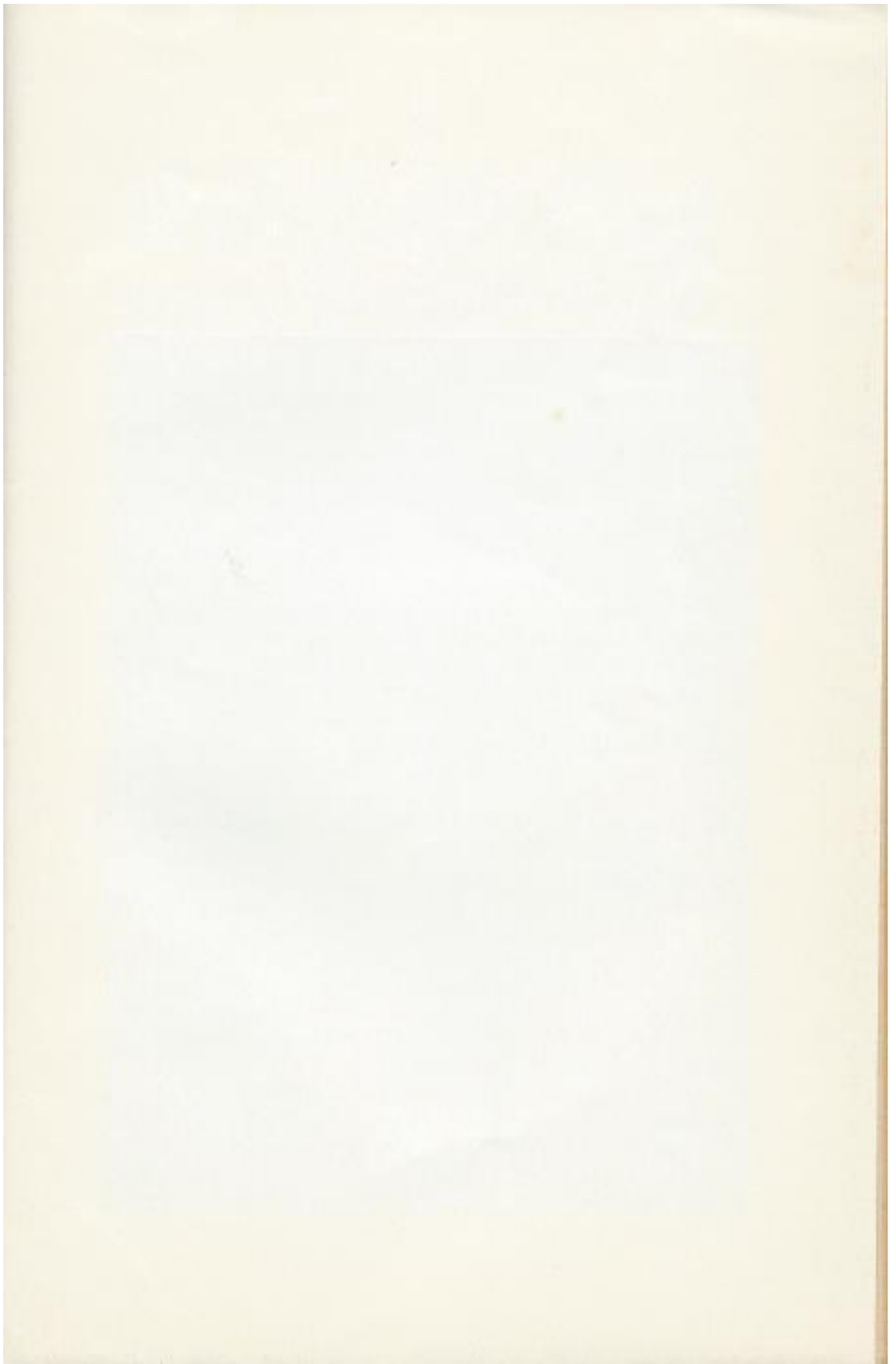
ros puseram-se simplesmente a viver, no vale da Chartreuse, o seu ideal de vida solitária e foram dando solução prática aos problemas que tal vida apresentava. Quarenta anos depois tinham-se tornado famosos e houve outros monges que quiseram imitá-los; para estes, escreveu D. Guigo, prior então da Chartreuse, os seus «Costumes». Os costumes são coisa experimentada, vivida, comprovada. Eis a causa de o realismo e o humanismo estarem no mais íntimo da regra cartuxana, que assim pôde conservar-se durante nove séculos, como toda a gente sabe, sem relaxação: «Cartusia nunquam reformata quia nunquam deformata». A Cartuxa nunca teve de ser reformada. Por que nunca se deformou? Porque nunca caiu nas mãos de falsos reformadores que lhe impusessem leis idealistas e impraticáveis. A regra cartuxana, os costumes cartuxanos, são possíveis a qualquer homem normal, equilibrado, são, que tenha amor a Deus e seja afeiçoado à solidão.

Entre estes costumes prudentes, humanos e realistas sobressai com valor de símbolo o passeio semanal pelos campos. A alegria reina nessas três ou quatro horas em que falam fraternalmente sob as oliveiras alentejanas. Os campos de Évora têm beleza para elevar um indiferente até Deus, quanto mais uns contemplativos. Percorrer os umbrosos sobrais à procura dos frescos poços sob o sol de verão, saltar as ribeirinhas crescidas no inverno, subir aos outeiros para louvar a Deus que fez tanta formosura... Falar de Deus e dos Santos com homens que chegarão a ser santos de Deus algum dia... Eis o passeio cartuxano, eis a saudável injeção que dá forças à pobre natureza humana para se fechar mais outra semana com Deus e consigo.





PADRE NO JARDIM



A VIDA
EM SCALA COELI

O espírito cartuxano

O mosteiro eborense é, por si mesmo, um símbolo da Ordem à qual pertence. Numa descrição impressionista, duas pinceladas bastariam para pintá-lo: brancura e afastamento. Brancura dos mármorees da igreja e da cal de todas as paredes, e afastamento pelo aqueduto e pelo bosquezinho de eucaliptos. O convento parece conservar-se claro e alegre graças à muralha majestosa e esbelta do aqueduto. Assim é também a vida dos monges que o ocupam: uma clausura estreita livra-os de mil perigos de pecar e de mil distrações, e permite-lhes voar na oração e contemplação até regiões de pureza e santidade.

Bastaria dizer «vida contemplativa pura» para ter definida a espiritualidade cartuxana. Mas este é, como dissemos, um livro para os curiosos, (quer dizer, para todos), e a gente deseja saber o mais possível da vida, da mentalidade, dos amores desses homens loucos...

Vamos, pois, falar um pouco da espiritualidade da Ordem branca.

O equilíbrio de S. Bruno

Vivemos no século do turismo. A palavra «S. Bruno» desperta no leitor a lembrança das artísticas imagens desse santo, que ele teve ocasião de admirar em Roma, Grenoble, Burgos, Cadis, Granada, ou mesmo em Évora. Mas também é no século da psicologia que vivemos. O leitor, homem do seu tempo, gostará de comprovar que a psicologia deste santo foi também uma obra de arte, pelo equilíbrio que a caracterizou.

Antes de mais nada, digamos que em 1960 foram terminados uns estudos sobre a sua vida, que transformaram totalmente os

conhecimentos que dele se tinham. A historiografia moderna é muito exigente, graças à qual as lendas desaparecem. A verdade foi sempre mais bela do que a mentira, e agora ficou a vida de S. Bruno com uma formosura que as lendas nunca lhe deram.

Bruno era alemão, de Colónia, de boa família, embora o seu apelido não chegasse até nós. Estudou nas escolas catedralícias da Sé de Remos. Precisamente ao terminar os estudos, em 1056, quadrou o facto de se retirar o Cancelário das Escolas. Tão brilhantemente tinha cursado aquele estudante alemão, que foi achado o mais digno para esse cargo, que era o primeiro da primeira escola da França. Tinha apenas uns 30 anos!

Não foram só os livros que formaram Bruno. Teve ele ocasião de presenciar em 1049 algo impressionante: um Concílio celebrado em Remos contra o vício da simonia e que foi presidido com grande firmeza pelo Papa Leão IX. Inteligente por natureza e recto por formação, o jovem Cancelário devia ser, pois, ao começar o seu labor, uma alma idealista. A vida foi completando essa disposição com um conhecimento dos homens que o tornou cada vez mais humano e realista. Que vida foi essa? Bruno esteve em Remos 30 anos. Foi cônego, rico, admirado pelos discípulos e amigos. Vida, pois, de sociedade, de amizade misturada com paternidade, que o preparava para a sua missão. Anos, lustros, de maturação. Também neste tempo a divina Providência se serviu dos factos eclesiásticos para modelar o espírito de Bruno. Um tal Manassés comprou simoniamente o cargo de arcebispo de Remos. Os cônegos retiraram-se então para um castelo, em protesta, e o Cancelário com eles. Mas o arcebispo conseguiu vencer a resistência; o cabido rendeu-se, mas não Bruno. Eis algo típico da sua alma, e que legaria a seus filhos, a estabilidade, a constância e firmeza nos propósitos.

Chegara assim aos sessenta anos, já com fama de santidade, quando recebeu a vocação que o tornaria famoso. A lenda do morto que fala é totalmente falsa: esqueça-a quem a tenha lido. A vocação de S. Bruno foi devida à voz, não dum morto, mas do Espírito de Deus vivo. O mesmo Bruno lembrava-a ao amigo Raul, desta maneira: «recordarás que estávamos Fulcujo, tu e eu, no jardim da casa de Adam, e falávamos nos falsos prazeres e transitórias riquezas deste mundo e nos eternos gozos do outro. Então, acesos no amor divino, determinámos deixar o mais depressa possível as coisas cá de baixo e buscarmos as eternas, fazendo-nos

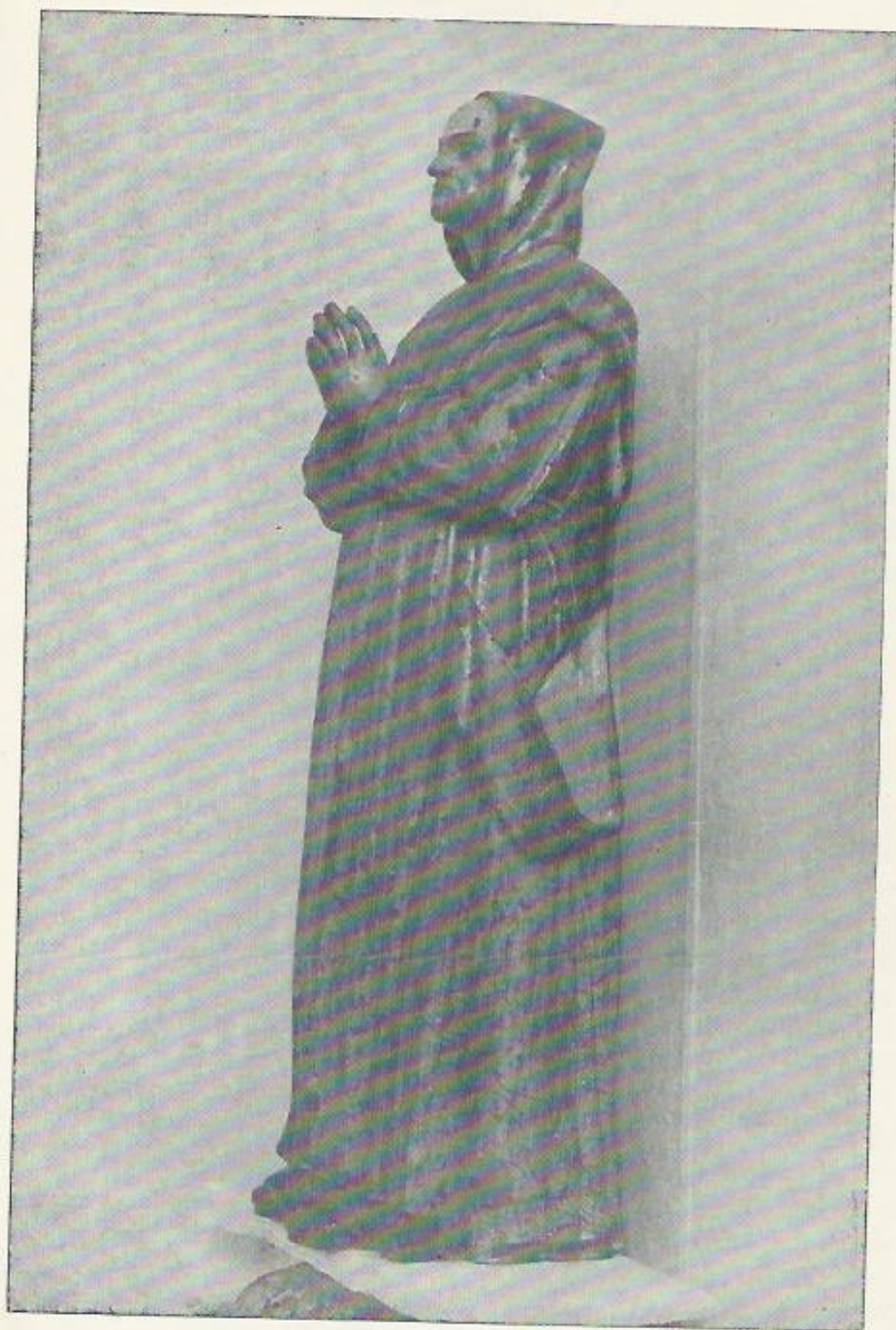
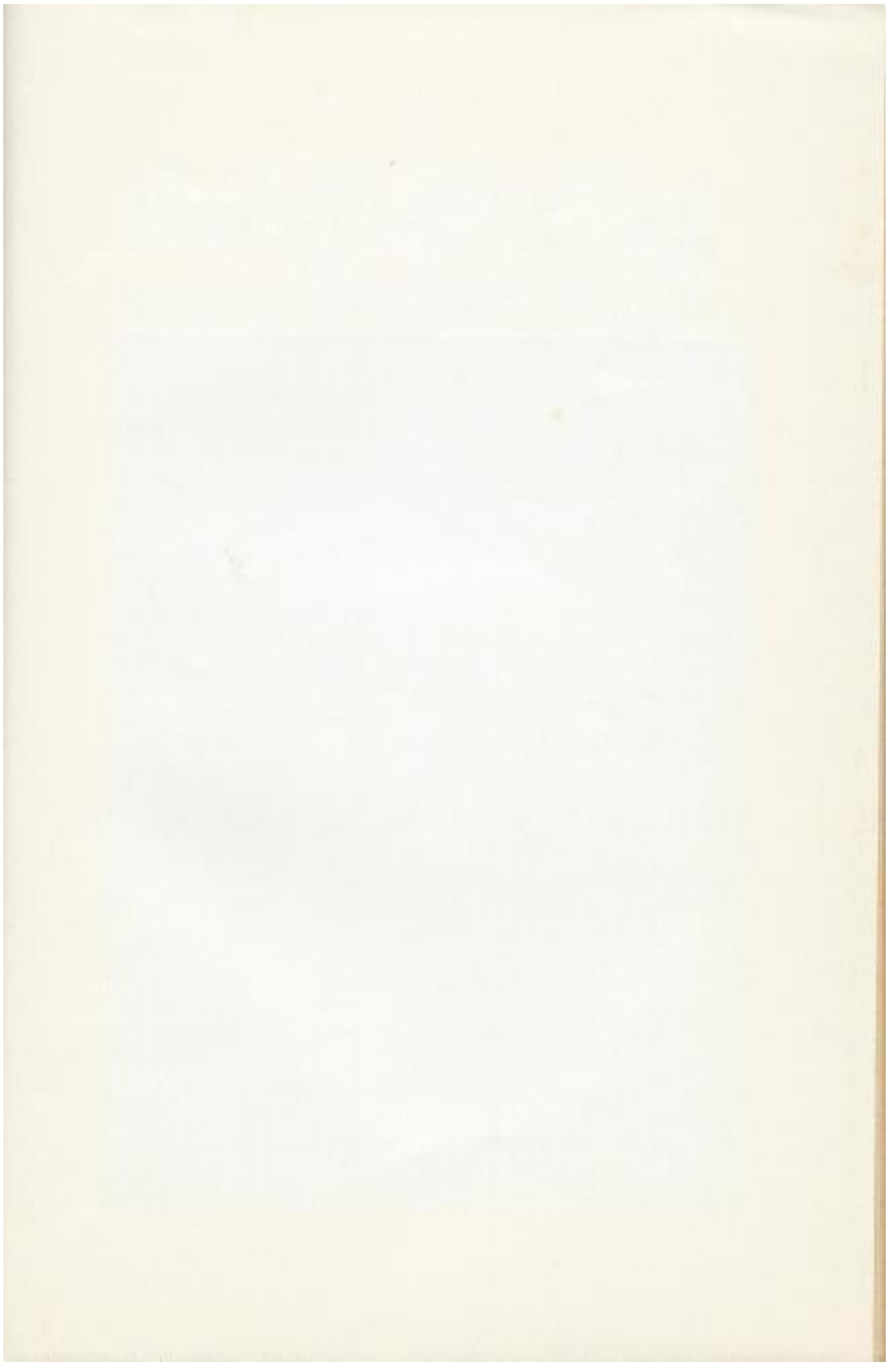


IMAGEM DE S. BRUNO QUE SE VENERA NA CAPELA EXTERIOR



monges. Tê-lo-famos feito imediatamente se Fulcujo não tivesse ido a Roma, cuja volta quisemos esperar. Mas depois...»

Depois, os amigos esfriaram o seu propósito. Não aconteceu o mesmo com Bruno. Precisamente naquela altura falou-se em fazê-lo arcebispo de Remos: esta foi a picada de esporão que o fez correr rumo à solidão. Intelectual, recolhido, grave, recto, constante, fervoroso, aquele homem estava feito para solitário. Mas, por outro lado, era também sociável, afável, influente nos demais. Mistura psicológica de homem interior e homem social, Bruno recebeu uma vocação especial: a de buscar a solidão, sim, mas buscá-la em companhia doutros amigos.

De Remos fugiu, pois, para um bosque (Sèche-Fontaine) juntamente com alguns piedosos varões. Não gostaram estes de tanta solidão e levantaram um cenóbio, mas Bruno manteve firme o seu desejo de vida solitária e, com outros novos amigos, voltou a fugir. Para onde? A historiografia moderna é muito exigente com as narrações milagrosas. Porém a história das sete estrelas resistiu ao exame. É certo e comprovado que um santo bispo, São Hugo de Grenoble, teve um sonho notável: viu sete estrelas brilharem sobre o vale da Chartreuse e depois uma igreja e convento surgirem neste vale. Estava a pensar nisto, quando chegou a Grenoble o seu antigo Mestre de Remos, com mais seis companheiros, pedindo um lugar afastado para se retirarem. S. Hugo compreendeu: era coisa de Deus.

No dia de S. João Baptista do ano 1084 começaram os sete amigos a viver a seu gosto. Eram solitários? Com mais propriedade os chamaríamos «uma família de solitários». Viviam em choças isoladas, mas reuniam-se numa capelinha para cantarem os officios. Os domingos dedicavam-nos à convivência, mas pela semana... nem a porta abriam para receberem a comida! Por um pequeno postigo a metia o cozinheiro. Ficava assim plasmado um novo modo de santificação: o equilíbrio entre a solidão e a vida de família.

Pela terceira vez a Providência do Senhor interveio: o Papa Urbano II, também antigo aluno de Bruno, chamou-o para a Itália. Se necessitássemos de alguma prova do carácter amável e influente do nosso santo, achá-la-famos nisto: quando Bruno falou em ir para o Papa, os seus companheiros responderam que eles sem a sua presença não seriam capazes de continuar em Chartreuse. Abalaram, pois, mas não todos: uns poucos, possuídos

pelo mesmo amor da solidão, que o Mestre, decidiram ficar, formando um rebanhito que o Fundador prometeu pastorear com cartas, desde a Itália.

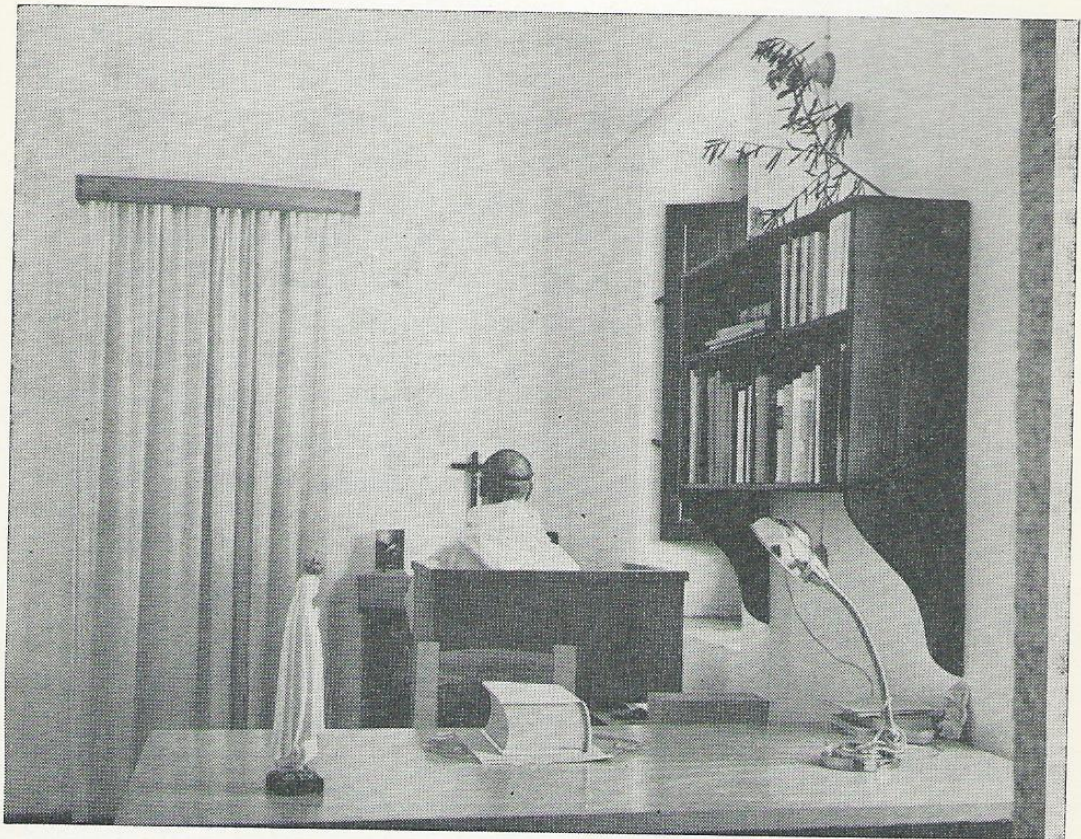
Urbano II ofereceu-lhe a mitra de Régio. Mas o santo fundador tinha algo dentro da sua alma que devia comunicar à nova Ordem: era a constância e estabilidade no desejo de solidão. Foi para Itália por obediência, mas permanecia estável no seu plano de viver sôzinho com Deus, e obteve do Papa licença para fugir para outro bosque, agora na Calábria. Sôzinho? Não. Um ano demorou na corte papal e foi suficiente para se reunir à sua beira um círculo de amigos, com os quais repetiu o feito de Chartreuse. Onze anos viveu ainda com eles em Santa Maria da Torre, morando numa gruta; a 6 de Outubro de 1101 voava para Deus que ele tanto amou.

Segundo o costume da época, um irmão foi de lugar em lugar, comunicando a morte de quem em vida foi tão famoso. Erá costume que em cada mosteiro ou cidade escrevessem, num «rolo» que ele levava, alguma coisa em lembrança do defunto. Feliz costume! Conservou-se o rolo e graças a ele temos hoje base para fazermos um juízo da fineza da santidade de S. Bruno. É notável que os que o conheceram só de nome escreveram elogios da sua sabedoria, mas os que tinham tratado com ele mencionavam mais a sua bondade e suavidade. Todos o chamavam «solitário». Os cónegos da Sé de Remos, que conviveram com ele 30 anos, consideravam-no «santo». Os frades da Chartreuse, seus primeiros filhos, chamam-no «pai único». Mas o mais emocionante de todo o rolo é o epílogo que agregaram os de Calábria. Eles, que admiravam o santo nos últimos anos, no-lo pintam assim:

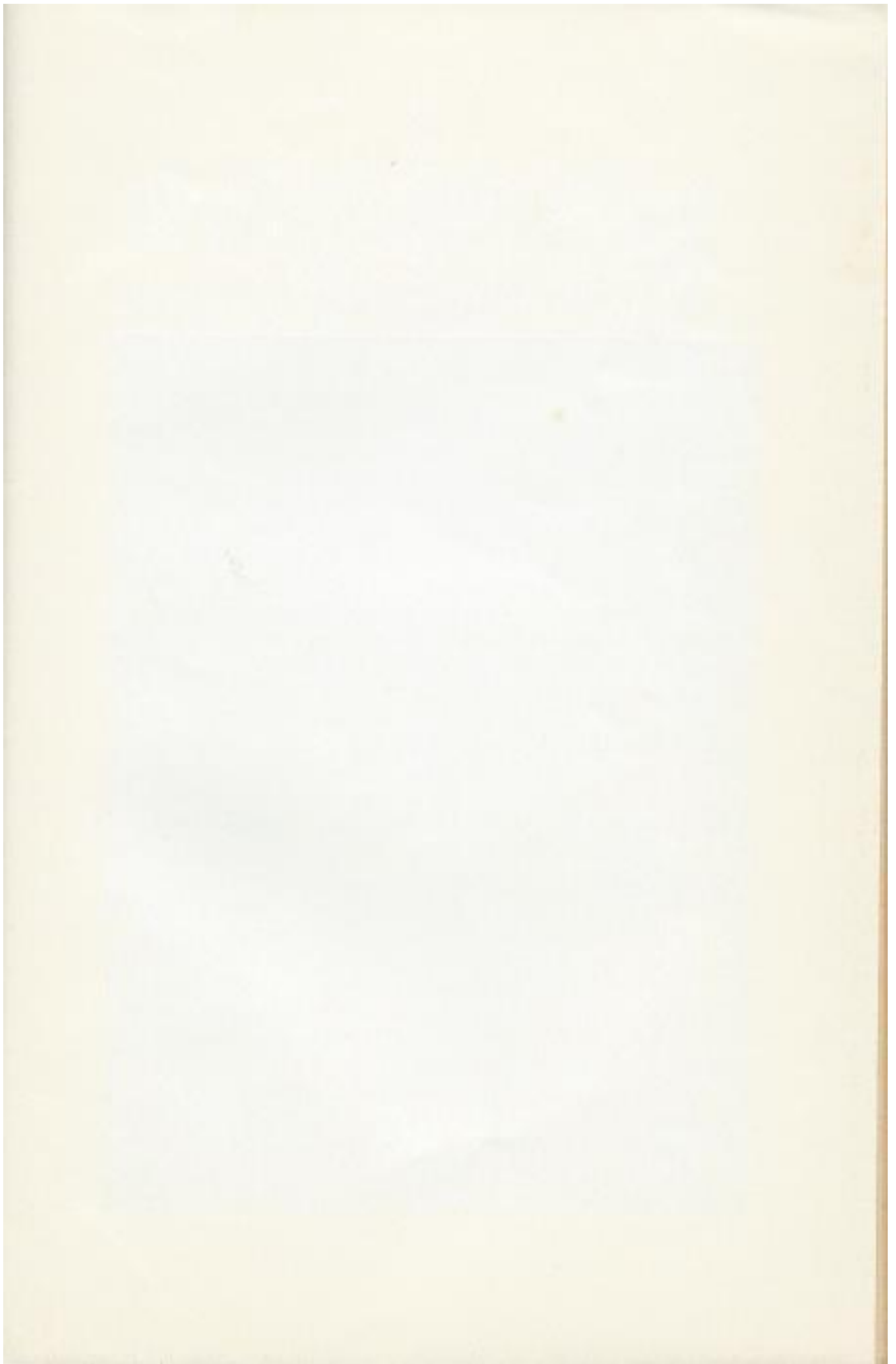
«Foi especial numa coisa: na contínua igualdade de ânimo. Sempre estava de cara alegre; a sua conversa era agradável. Com o vigor dum pai mostrou entranhas de mãe...»

Eis o fruto da contemplação de S. Bruno: bondade para todos, paz para si. A contemplação foi o que ele procurou na solidão. Esse era o segredo do seu coração, que nos revelou numa carta íntima, cuja leitura cativa. Depois de termos falado do santo, seja o mesmo santo quem fale de si.

«Querido amigo Raul... cá estou, num deserto da Calábria, muito longe de qualquer habitação humana. Como descrever esta solidão, esta quinta tão agradável, este ar tão doce e temperado?... Como descrever o aspecto destes outeiros que se elevam por



PADRE NO GENUFLEXÓRIO



toda a parte, o segredo destes vales sombrios, com os seus ribeiros, as suas fontes, os seus passarinhos? Mas, para quê deter-me nestas coisas? Há para o homem outros prazeres mais doces e mais úteis, porque divinos: o prazer que a solidão e o silêncio proporcionam, só é conhecido pelos que vivem em silêncio e solidão. É aqui que os homens fortes se podem recolher à vontade, entrar em si, para cultivarem as virtudes e saborear os seus frutos. É aqui que se adquire aquele olhar puro que enamora o divino Esposo e que é capaz de O contemplar. É aqui que se trabalha num labor tranqüilo e se repousa num sossego activo. É aqui que Deus premeia com as recompensas da paz que o mundo ignora, e do gozo do Espírito Santo. Assim é aquela «melhor parte» que a Madalena escolheu e que não lhe será arrebatada. Que coisa mais justa e mais útil, mais própria da humana natureza, do que amar o bem? E, há algum bem maior que Deus? Há, na verdade, algum bem fora de Deus? Por isso, a alma que tem um certo conhecimento desse Sumo Bem, da sua beleza incomparável, da sua glória, do seu esplendor, abrasa-se no amor de Deus e exclama com o salmista: Tenho sede do Deus forte e vivo!

Amor de Deus na contemplação: eis a santidade de Bruno.
Sede de Deus na solidão: eis o segredo de Bruno, revelado por ele próprio.

Vida contemplativa do sacerdote cartuxo

A nova forma de vida contemplativa inspirada por Deus a S. Bruno teve êxito. A Cartuxa, graças a esse espírito de equilíbrio e constância, perseverou nove séculos sem precisar de reforma. Hoje, como em 1084, o monge cartuxo tem um buraco na parede da cela para não sofrer distracção nem mesmo pelo facto de lhe servirem a necessária comida... Não será interessante conhecer uma tal vida?

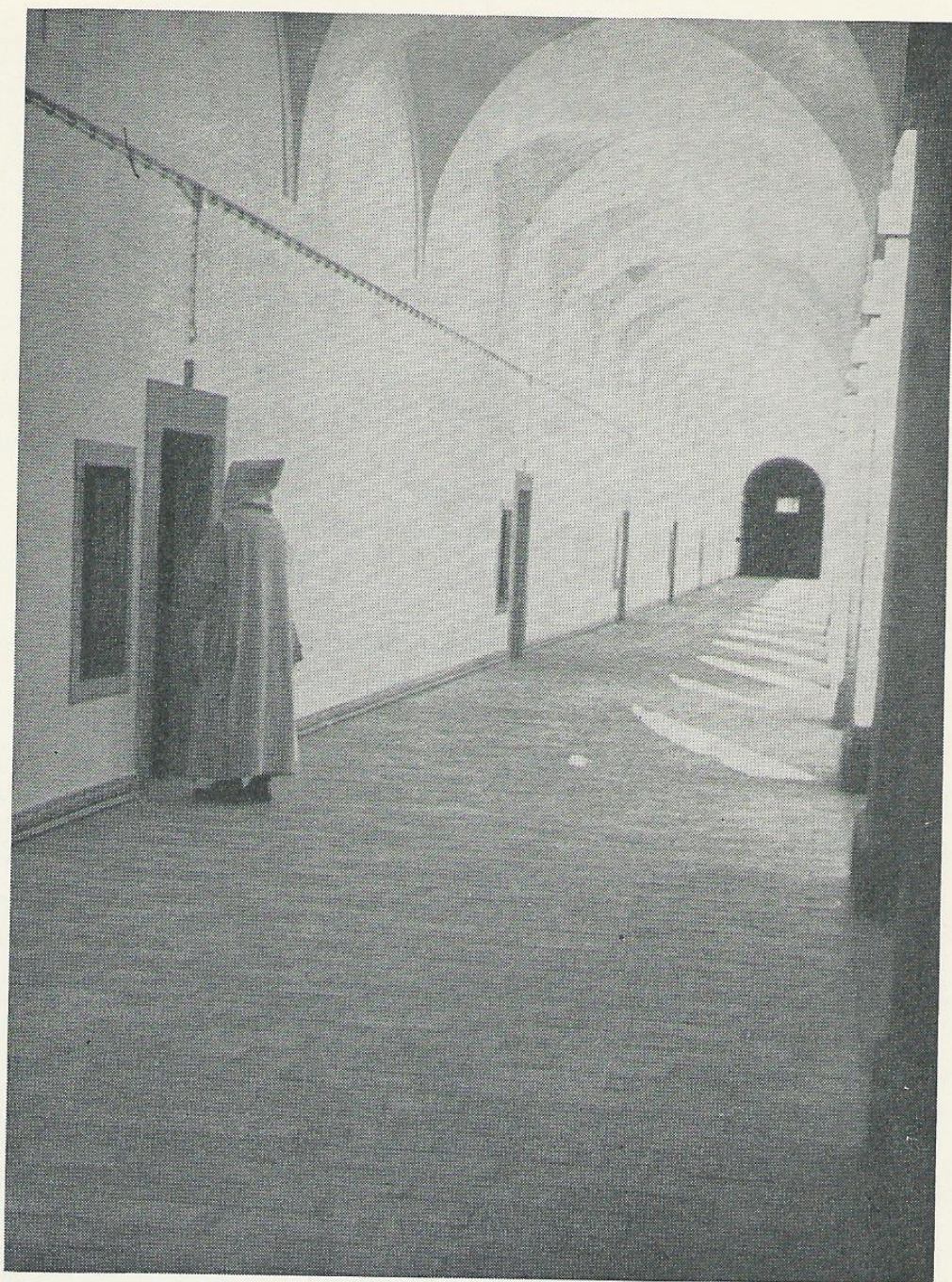
Entremos em qualquer dessas celas. O sacerdote cartuxo vive como ermitão, fechado numa casinha de dois andares e jardim. Lá tem tudo: (oratório, escritório, cama, pequena carpintaria), em vários compartimentos, e até casa de banho. Lá faz tudo: rezar, ler, estudar, trabalhar, descansar, comer, dormir... Um dia, um Sr. Bispo visitava uma cartuxa em Espanha. Ao entrar na cela, voltou-se para o seu secretário e exclamou: Que pequeno me parece isto! O secretário, surpreendido, disse-lhe: «Mas não

disse V. Ex.^a esta manhã, no convento que visitámos, que lhe pareciam grandes aquelas celas? Eram dum só quarto...» O prelado sorriu: «É verdade, não me lembrava. Mas aquele frade apenas dorme naquela habitação, porém, este monge tem de passar cá dias, meses e anos...»

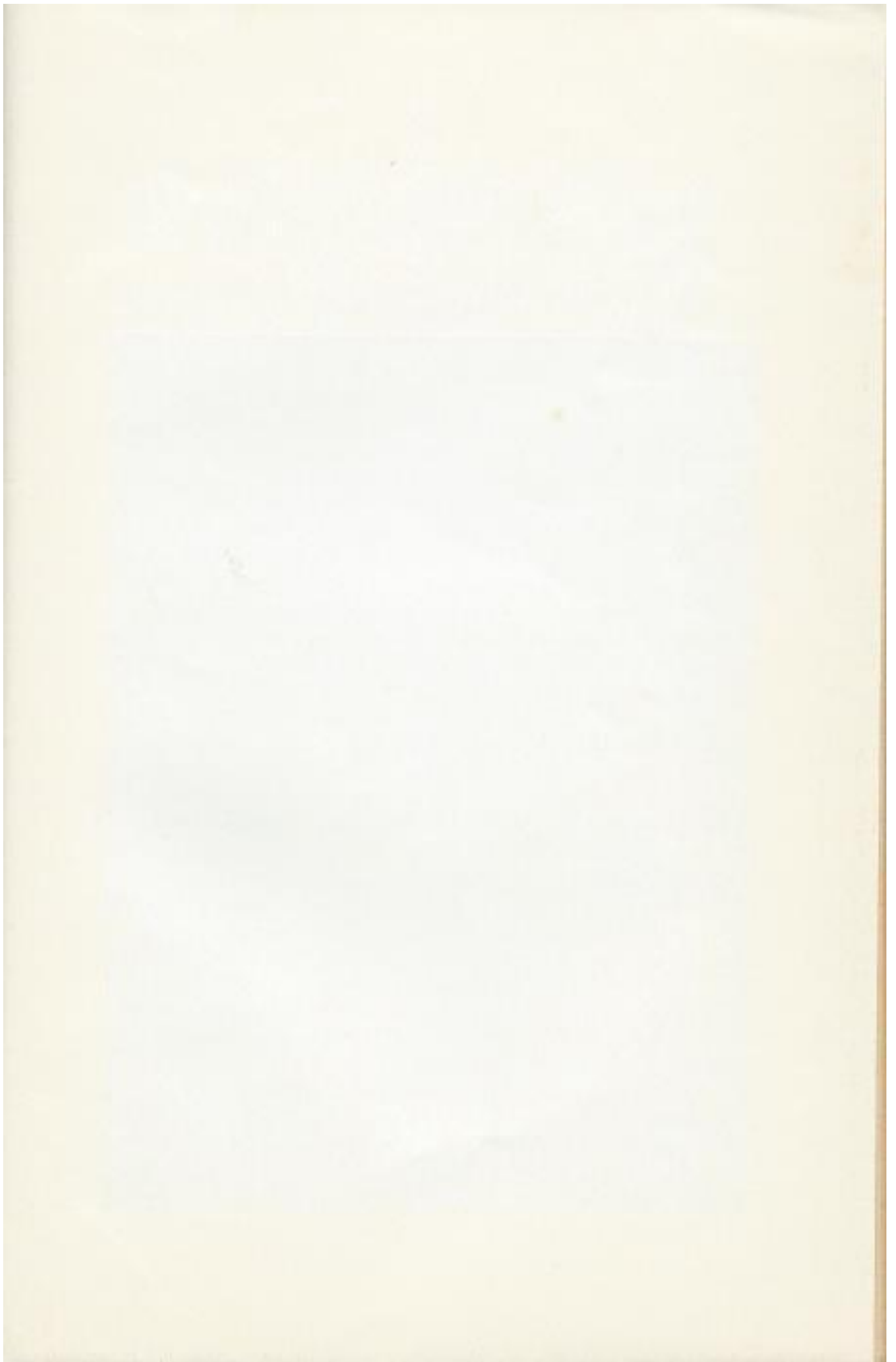
O segredo da perseverança do cartuxo no seu ermitério, (em muitos casos durante meio século e mais), está na simplicidade do seu ideal. É mister reconhecer que para ser Padre cartuxo se necessita de um amor de Deus não pequeno, e que seja amor contemplativo, quer dizer, que consista num desejo de união íntima com Deus, vida interior, piedade e oração, entrega, e amizade com Ele. Mas, cuidado! não basta desejar isto: é mister não desejar nada mais. Simplicidade, pois: eis o segredo. Chamamos a esta simplicidade do ideal cartuxano «virgindade espiritual». Deus... e só Deus. Virgem de todo o contacto com as criaturas, a alma desposada com o Verbo aspira ao matrimónio espiritual, cá, ou no céu. «Caminho melhor do que o vosso não se pode propôr aos homens, suposta a divina vocação», escrevia Pio XI aos cartuxos na famosa bula *Umbratilem*.

A jornada do padre cartuxo tem o seu ponto culminante na Santa Missa. Prepara-a bem, em verdade! Antes de se deitar (o que faz pelas 8 horas da tarde) tem exame de consciência e leitura da Bíblia. Quatro horas de sono, e acorda para as matinas, que são para ele o mais saboroso. O ofício divino cantado à meia noite é tão belo que bastaria para fazer os monges felizes. A cartuxa não é a ordem que melhor canta, mas sim, a que mais canta. Duas horas e meia duram as matinas e laudes, precedidas por uns 45 minutos de preparação na cela. Na cela rezam o ofício nocturno de Nossa Senhora, e depois vão à capela cantar o divino. Nessas horas de paz, as lamparinas alumiam apenas os antifonários: mais nada. É nessas trevas onde a alma acha o que veio buscar: a sensação da presença de Deus, a emoção da sua proximidade, a alegria de O louvar, O amar, O consolar dos crimes que a noite encobre. É nesse ambiente de recolhimento e de arte onde as graças místicas se fazem naturais: a oração que Santa Teresa chama de quietude parece ter a sua moldura própria nas matinas cartuxanas.

De novo para a cela, terminando a vigília como se começou: pelo ofício da Virgem Santíssima. Reza a «missa seca» (leitura da Missa da Virgem, sem canon) e vai para o leito. Mas antes,



CLAUSTRO COM UM MONGE



dá-se, às sextas-feiras, uma boa chicotada com a disciplina, lembrando-se daquela palavra da Virgem de Fátima: muitas almas vão para o inferno porque não há quem faça penitência por elas. Na verdade, o cartuxo não se poupa: depois de tudo isso deita-se num enxergão de palha, vestido com cilício de crinas e roupas de lã, para dormir três horas, e talvez com frio, pois se é inverno não terá jantado senão pão e vinho. Porém, o costume vem ajudar o amor de Deus para tornar suave essa penitência, e o cartuxo deita-se contente.

Acorda de novo, alegre com o pensamento da sua Missa. A união com Deus obtida nas mantinas renova-se na meditação, depois da qual vai para a igreja cantar a Missa maior. A liturgia cartuxana está cheia da simplicidade própria da Ordem. O celebrante fica sozinho (sempre a solidão!) no altar, com os braços em cruz. À elevação deitam-se os monges pelo chão, a adorarem. Cantos e silêncios alternam, e entrementes oferecem-se todos como vítimas com a Vítima.

Depois, as missas rezadas de cada padre, nas devotas capelinhas do claustro. Que missas essas! Quanta glória para Deus, que eficaz intercessão pelos homens, que gosto para o coração do sacerdote piedoso! Com Jesus no peito, voltam para as celas, a gozarem d'Ele, da sua intimidade. Eis realizado o sonho: a união com Deus na solidão.

Ao meio da manhã recobra os seus direitos a fraca natureza humana. Toma o almoço (que é desjejum, e desde Setembro até à Ressurreição a única comida do dia) e recreia-se no jardim da cela. Sem perder a presença de Deus, que renova por vezes com jaculatórias curtas e fervorosas, o padre cartuxo passa agradavelmente o dia entregue ao estudo da teologia ou da ascética. A meio da tarde sai da cela para cantar vésperas; aproveita esta saída para fazer a confissão semanal ou para consultar alguma coisa com os Superiores. É assim que se evitam os perigos do isolamento: os Superiores são a salvação do solitário. A obediência é tudo na Cartuxa. Dizem os Estatutos: «embora sejam muitas as nossas regras, só pela obediência serão frutuosas». Não perseveram nem aproveitam na Cartuxa senão os espíritos simples e humildes que buscam a vontade de Deus nas ordens e conselhos dos representantes d'Ele na terra. A distribuição do tempo, a qualidade dos estudos, a quantidade da comida: tudo deve ser abençoado pelos Superiores.

Formosa vida, dizem alguns, mas inútil. Não pensam assim os Papas.

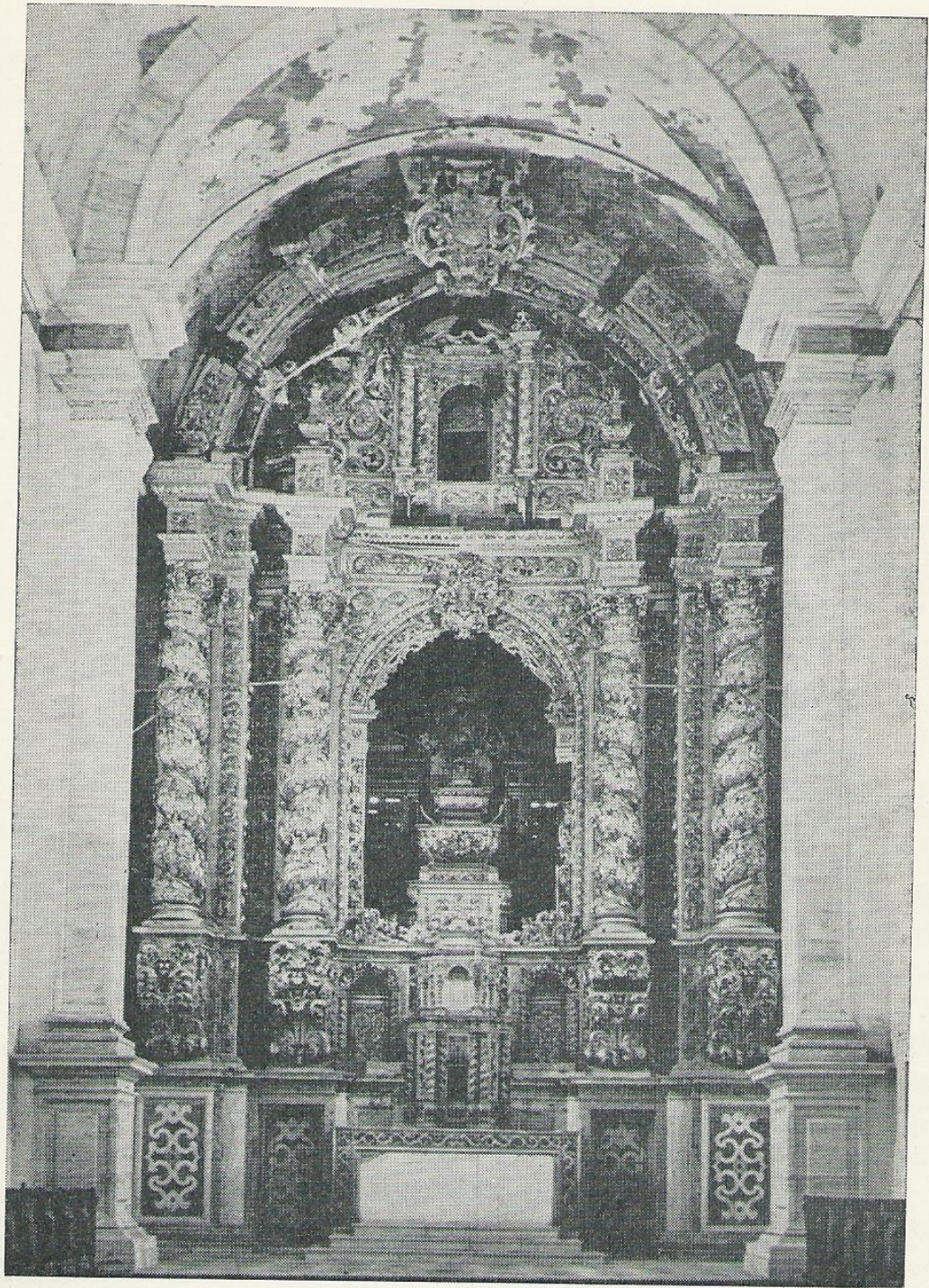
Segundo Pio XI os cartuxos fazem «muito mais» pela salvação alheia que os apóstolos mais movimentados. É evidente: quem salva as almas é Deus com a sua graça, e a Deus quem o governa é a oração dos seus amigos. A mais santidade corresponde maior influência junto de Deus. Sete vezes ao dia e à noite o cartuxo pede pelos grandes e pequenos, pelos bons e maus. Poderá não ser ouvido?

Mas a utilidade para os homens, embora seja tanta, não é o maior valor da vida do sacerdote cartuxo. Mais que para si ou para os outros, o padre cartuxo vive para Deus, para cumprir com Ele duma maneira oficial e mais perfeita os deveres do culto e adoração, que são os primeiros entre os deveres sacerdotais.

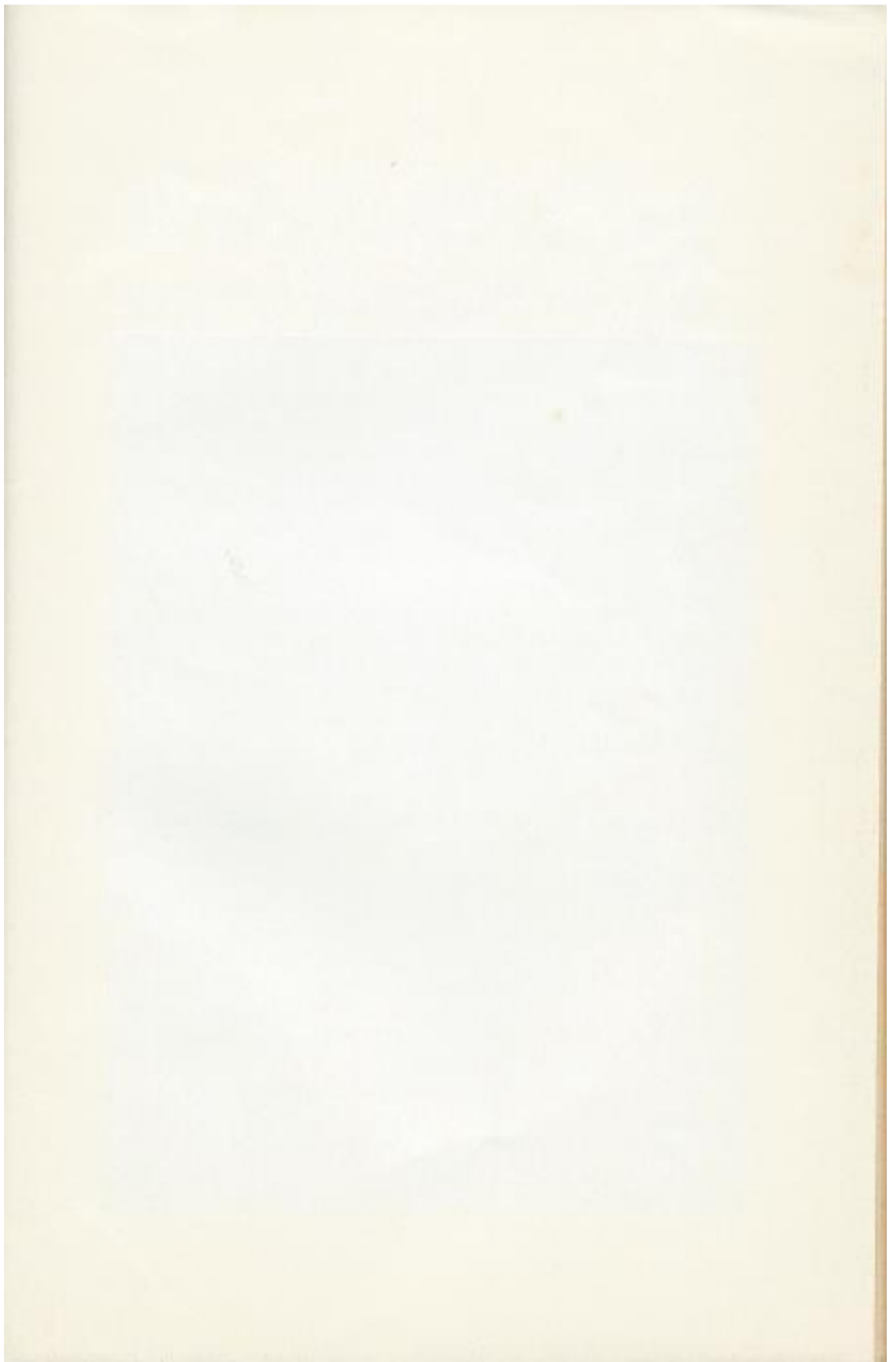
Vida contemplativa no trabalho

A vida do leigo cartuxo é contemplativa desde que acorda até que se deita. Acorda à meia noite, e a primeira coisa que faz é lembrar-se de Deus e da sua presença: sabe que de começar assim depende essa união com Deus que deseja gozar durante as matinas. A vigília, já sabemos, é o momento mais tipicamente cartuxano. Os leigos assistem em silêncio, do seu coro. O que para os padres é às vezes tentação (calar e escutar) é feliz obrigação para os leigos: a música ajuda a elevar-se para Deus. O canto cartuxano é gregoriano antigo, do mais puro. Ora a alma do canto-chão reside numa sucessão de voos e apoios que assemelha o subir e baixar da arcaria. O gregoriano eleva o espírito ao mesmo tempo que o descansa. O que está a escutar recebe uma influência que o espiritualiza e o pacifica. Nessa paz a oração é fácil. A presença de Jesus Sacramentado quase que se sente...

Depois das matinas vai recobrar o sono interrompido. Volta o irmão a pôr-se na divina presença ao ser acordado, de manhã cedo. Pensando em Deus dirige-se à capela para fazer a renovação do seu ideal, da sua entrega, da sua intenção de viver para Deus. Conversa amigavelmente com Jesus durante meia hora... senão é que prefere calar e contemplar e gozar da divina presença sem palavras.



RETABULO DA IGREJA GRANDE



Ao fim, e como broche de ouro, a Missa e Comunhão. Depois da acção de graças volta para a cela a ler algum bom livro espiritual.

Chegam assim as 8 horas e o irmão sai da cela para ir ao trabalho. Começa outra vida? Não. A vida de trabalho dos leigos cartuxos, verdadeiros contemplativos, deve ser uma continuação da quietude obtida na noite e na manhã. A oração mete-se na vida pelo dia fora, assim como no mundo é, às vezes, a vida que se mete na oração. É verdade que as ocupações precisam de atenção; mas por debaixo fica um fio de união com o Hóspede da alma. Sente-se uma paz e alegria que dá testemunho de que Deus está perto de nós, dentro de nós. Além disso, o trabalho permite repousos que se aproveitam para renovar a pureza de intenção com uma jaculatória. O costume de saudar a Virgem Maria (a quem tanto amam os cartuxos) cada vez que o relógio bate a hora, é uma grande ajuda para manter o recolhimento. Sobre-tudo, o contemplativo sabe que o seu maior inimigo é a pressa. Trabalha com nervo, mas sem nervos. O trabalho mais perfeito é mais digno de Deus, mais capaz de ser-Lhe oferecido, e a alma fica mais serena, mais parecida com Deus, mais capaz de falar com Ele.

Um engenheiro teve ocasião de visitar a serralharia de Scala Coeli. Ao sair, comentava: «Uma oficina de mecânica é para mim coisa familiar, mas esta causou-me uma forte emoção, por causa desse genuflexório, com essa Virgenzinha, perto da frágua. Se eu não acreditasse na sinceridade dos religiosos, esta serralharia seria suficiente para me convencer agora!» Que exclamaria se, voando na alcatifa mágica da fábula, tivesse olhado de cima todas as oficinas do mosteiro, enquanto os Padres estão a cantar a Missa maior! No momento sublime da vinda de Jesus para o altar, o sino do campanário bate três simples, mas comoventes, badaladas... Então na carpintaria, na alfaiataria, na cozinha, no aviário, na horta, por todo o mosteiro, os irmãos leigos ajoelham-se no chão, numa cerimónia impressionante de adoração ao Senhor que baixa do Céu para morar com eles naquela casa de oração e amor.

O amor é que faz o milagre dessa vida tão singela, tão pura, tão divina. O amor é que converte em vida de oração o que para outros é a terrível vida do trabalho. Dificuldades, fadigas, aflições? Não faltam. Mas estas são mais outra ajuda para elevarem o

coração para o Amado. Assim têm de que falar com o Hóspede da alma, enquanto cosem, cavam ou pintam.

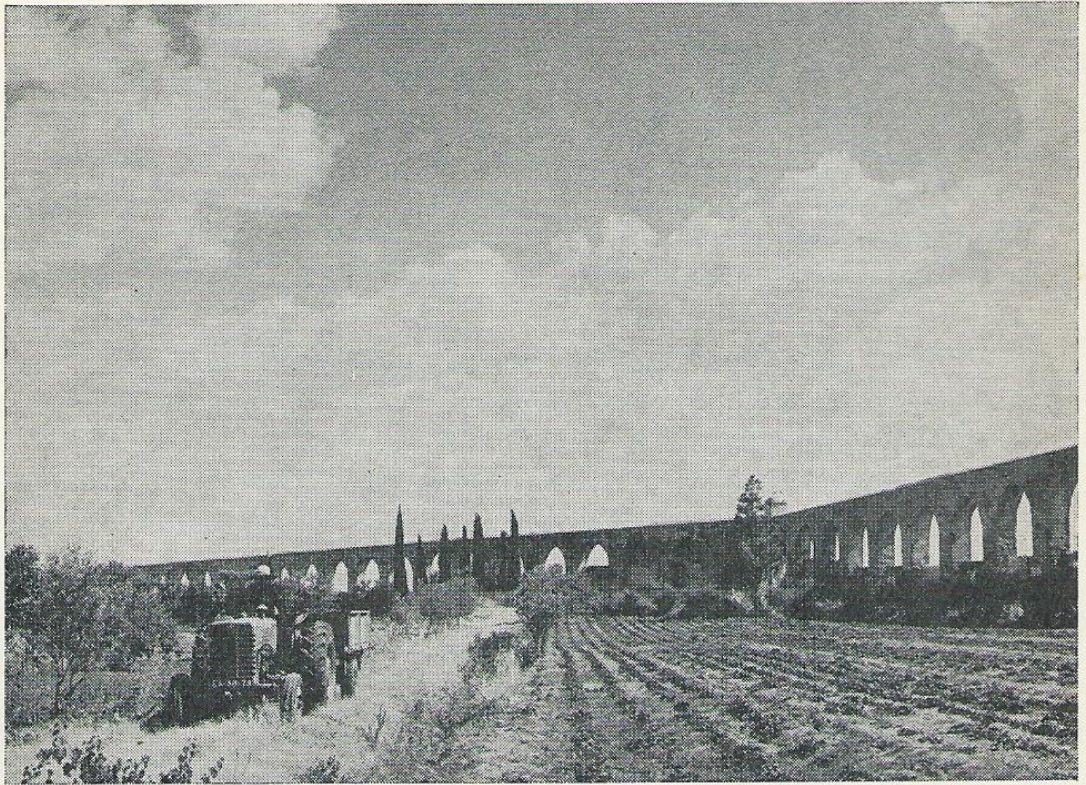
Alguns trabalhos podem ser feitos na solidão, mas outros exigem a cooperação de vários irmãos. Perder-se-á então o recolhimento? Se um bom religioso quer conviver em paz e caridade com os demais haverá de praticar muitos actos internos de paciência, humildade, súplica a Deus, que já são uma boa oração. Mas isto não é suficiente para um contemplativo. O cartuxo deseja a oração contínua, a quietude da presença habitual de Deus. Para facilitá-la a regra cartuxana proporciona aos leigos um ambiente de silêncio e isolamento mútuo: ninguém pode entrar nas outras oficinas, nem deve andar de cá para lá pelo convento, nem falar com os companheiros de trabalho senão das coisas indispensáveis. Não há perigo de que tal silêncio canse os irmãos, pois o trabalho distrai e entretém os leigos da mesma maneira que o estudo entretém os padres. Uns e outros passam o dia sem sentirem que estão sòzinhos.

Ao meio dia fazem uma visita a Jesus Sacramentado e vão tomar o almoço, sòzinhos, na cela, onde descansam um pouco para depois continuar pela tarde fora a mesma vida de presença de Deus, tranquila entre as ocupações do convento. Na verdade, os leigos são tão contemplativos como os padres, embora levem uma existência menos fechada, menos dura. Têm menos jejuns, não usam o cilício, movem-se mais...

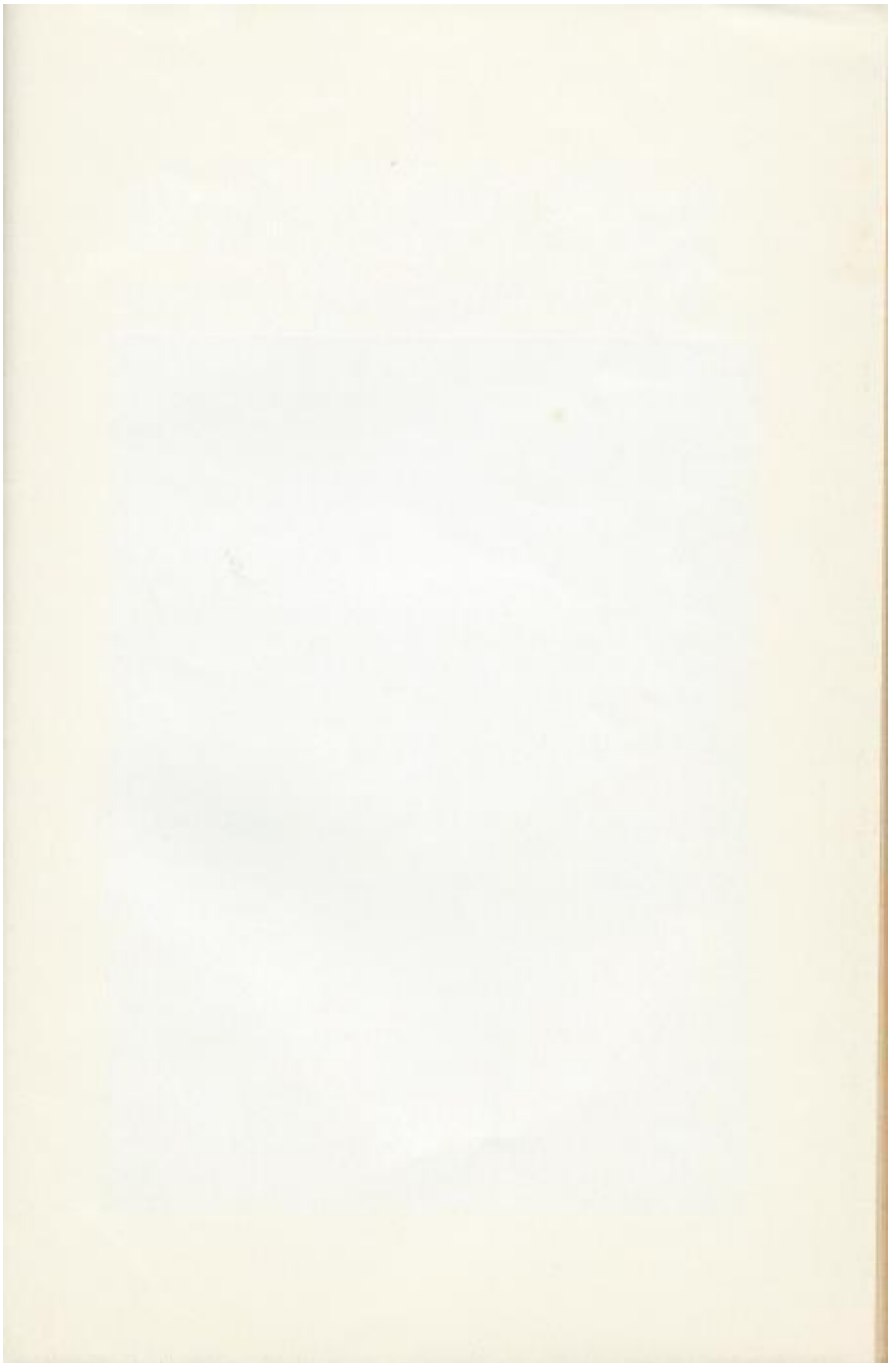
O dia termina com umas preces em comum, na capela, com leitura e exame. Um dia tão simples e tão puro é a melhor preparação para de noite poderem passar as matinas em contemplação. Era isto que Nosso Senhor dizia: «Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus».

Stat crux dum volvitur orbis

Explicámos ao leitor a vida dos monges de Scala Coeli. A mesma vida que, em 1084, Deus aprovou, ao inspirar a S. Hugo de Grenoble o sonho das estrelas. Depois de nove séculos, aquela ideia genial de S. Bruno (buscar a solidão em companhia dalguns bons amigos) continua ainda a atrair as almas selectas. A Cartuxa não precisa de se modernizar. Que coisa mais moderna que essa síntese do personalismo e a sociabilidade?



IRMÃO COM O TRACTOR (OS 7 CIPRESTES AO FUNDO)



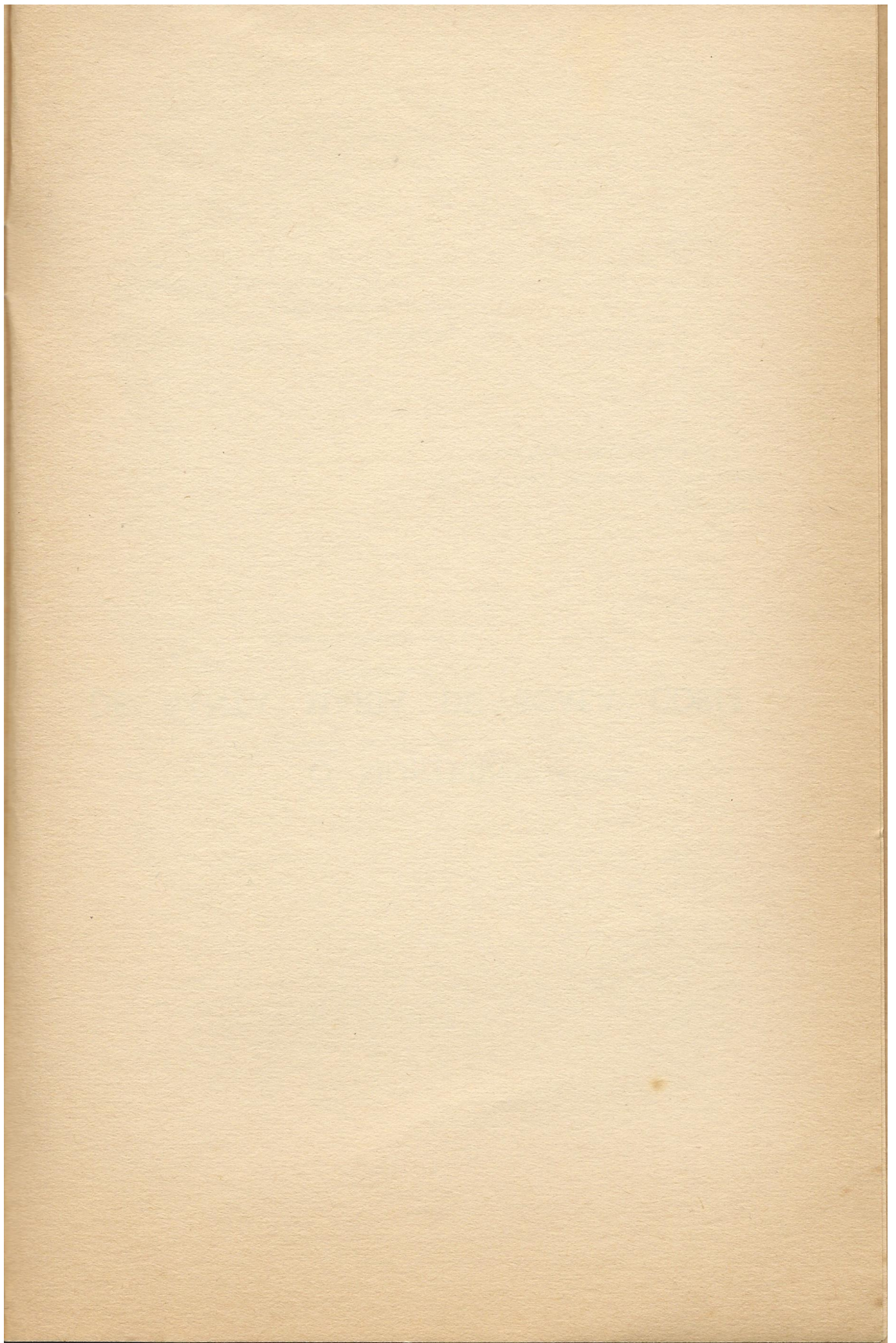
Depois de nove séculos, a Cartuxa continua imutável. Esse é o sentido do seu brasão, que tem por cima as sete estrelas milagrosas, e por baixo o mundo com a Cruz fixa e esta legenda: «stat crux dum volvitur orbis», imóvel está a cruz, enquanto o mundo continua a dar voltas. Quer dizer, Deus mesmo fez nascer a Cartuxa, e a Cartuxa conservou-se como Deus a fez.

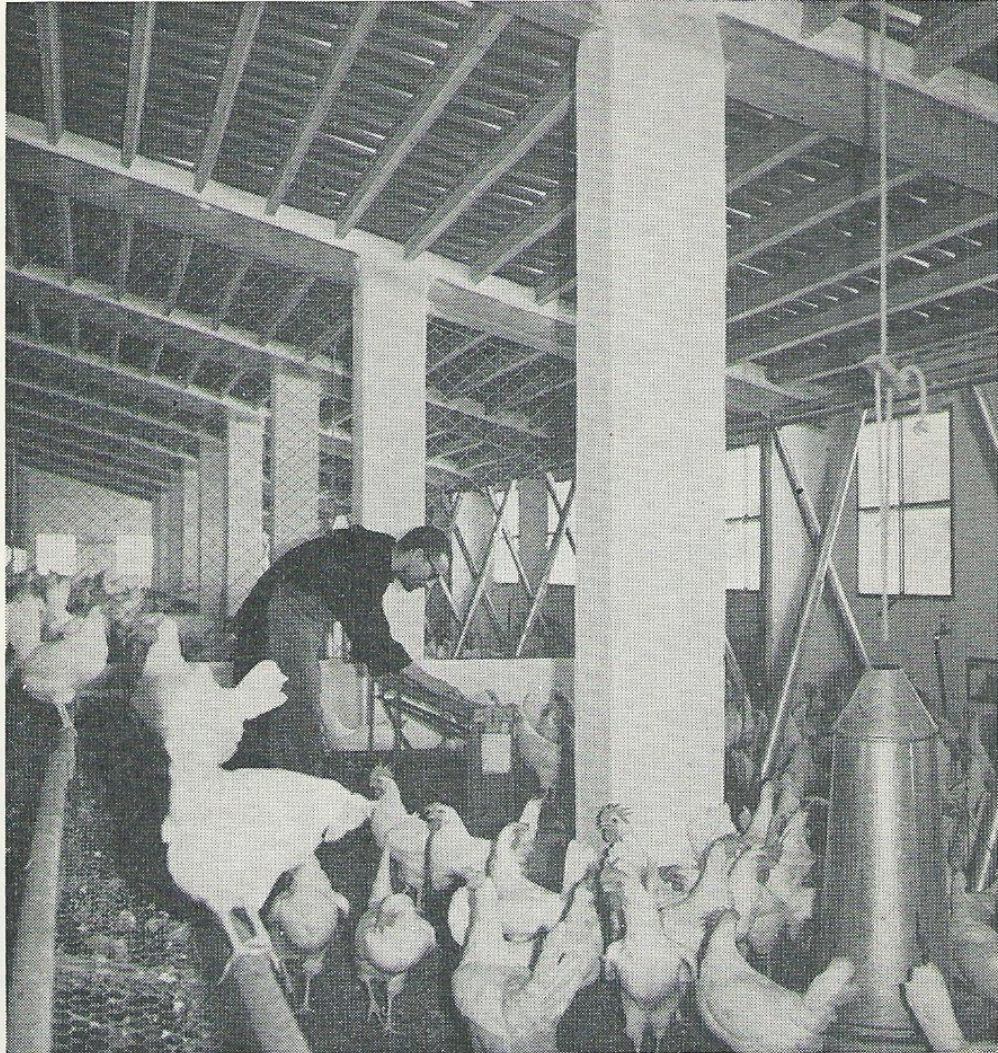
Uma mãe

Para terminarmos bem este capítulo sobre o espírito cartuxano, devemos lembrar que o amor à Santíssima Virgem faz parte essencial dele. Não podia ser doutra maneira: quanto mais sòzinho se acha um homem, mais necessita duma mãe. Maria é a mãe do solitário cartuxo, é Ela que o consola e o sustem. Ela ajuda-o a perseverar feliz. Ele corresponde com uma devoção filial.

Os delicados obséquios dessa meiga devoção são conhecidos: a missa seca na vigília, as imagens pelo mosteiro, a saudação do Avé-Maria ao entrar na cela, o nome de religião embelecido com o d'Ela, o título mariano posto a quase todas as cartuxas, a Missa da Virgem celebrada no altar-mor diàriamente... O amor inspirou aos cartuxos de Scala Coeli outro simpático pormenor. Sabendo que a alegria que gozam a devem a Ela, à Mãe, escreveram no sino do campanário esta legenda: «Hilaris ad te clamo, Sancta Maria, ut semper nobis sis scala coeli pia».

Alegre te suplico
Santa Maria
Que sejas para nós
escada do céu pia.





IRMÃO NO AVIÁRIO

“A CARTUXA: Um Livro para os Curiosos”

grupo: “Amigos da Ordem da Cartuxa” no Facebook

e no Yahoo Groups:

https://groups.yahoo.com/neo/groups/amigos_ordem_cartuxa/info

Digitalizado e oferecido por:

VICTOR M T HENRIQUES

viktorhenrikes2002@yahoo.es

Epílogo

Portugal acolheu, com todo o afecto, o regresso da Ordem Cartuxana. Sabia que a restauração de Santa Maria de Scala Coeli não podia ter outro alvo senão evitar a saída do País aos portugueses que, como o pintor lisboeta frei Miguel, desejassem gozar da parte de Maria Madalena, no silêncio da Ordem Branca. Portugal considerava como coisa própria o novo mosteiro eborense. E para que este não duvidasse do afecto com que era recebido, foi contemplado com o Círio enviado por João XXIII para o convento que fosse julgado digno de especial distinção, em 1961.

Com um carinho não menor, a nova cartuxa abriu as portas às possíveis vocações. Santa Maria de Scala Coeli quer voltar a ser totalmente portuguesa. Vimos que São Bruno quando fugia para a solidão levava sempre consigo alguns amigos aos quais ele tinha enamorado da vida contemplativa. É tradição que ainda hoje o Santo continua a escolher, do céu, os futuros cartuxos. As vozes do céu ouvem-se em toda a parte. Queira Deus Nosso Senhor fazer que a voz de S. Bruno soe aos ouvidos dos compatriotas daqueles Farias e Coelhoos da antiga Scala Coeli.

Servirão os portugueses para cartuxos? Sem dúvida. Serviram durante séculos, e hoje provam o mesmo os poucos que no mosteiro eborense estão esperando mais companheiros. Como não hão-de ser tão bons cartuxos os portugueses, se a alma lusitana é alma de saudades, e a vocação cartuxa é saudade de Deus?

Restaurar as antigas glórias da Ordem cartuxa em Portugal, é uma obra grande, e as grandes empresas precisam de grandes ajudas, que só do Céu podem vir. A oração é que as obterá. Para Deus não há distâncias. De qualquer ponto do mundo luso onde esteja o nosso (já amigo) «curioso leitor», envie uma súplica ao Santo Cristo dos Milagres, a Nossa Senhora, a Virgem Branca de Scala Coeli e a S. Bruno, para que este mosteiro histórico recobre a sua passada punjança, para glória d'Eles e para bem de Portugal e dos portugueses. Assim seja.

